

UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ - UNIFESSPA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

ANDRESSA DA SILVA RIBEIRO

DESIGUALDADE DE GÊNERO: O SEXISMO NO AMBIENTE ESCOLAR

MARABÁ/PARÁ

2021

ANDRESSA DA SILVA RIBEIRO

DESIGUALDADE DE GÊNERO: O SEXISMO NO AMBIENTE ESCOLAR

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Faculdade de Ciências da Educação do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, como requisito obrigatório para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: professora Ma. Vanja Elizabeth Sousa Costa.

MARABÁ

2021

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Biblioteca Setorial Josineide da Silva Tavares

Ribeiro, Andressa da Silva

Desigualdade de gênero: o sexismo no ambiente escolar / Andressa da Silva Ribeiro ; orientador (a), Vanja Elizabeth Sousa Costa. — Marabá : [s. n.], 2021.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Campus Universitário de Marabá, Instituto de Ciências Humanas, Faculdade de Ciências da Educação, Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, Marabá, 2021.

1. Discriminação de sexo na educação – Marabá (PA). 2. Sexismo. 3. Ambiente escolar – Gênero. 4. Mulheres na educação – Condições sociais. 5. Identidade de gênero na educação. 6. Professores de ensino fundamental – Gênero - Diferenças (Educação). I. Costa, Vanja Elizabeth Sousa, orient. II. Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. III. Título.

CDD: 22. ed.: 370.7098115

Elaborado por Miriam Alves de Oliveira – CRB-2/583

ANDRESSA DA SILVA RIBEIRO

DESIGUALDADE DE GÊNERO: O SEXISMO NO AMBIENTE ESCOLAR

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Faculdade de Ciências da Educação do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, como requisito para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: professora Ma. Vanja Elizabeth Sousa Costa.

Data de aprovação: Marabá (PA), 30 de abril de 2021

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Ma. Vanja Elizabeth de Sousa Costa
(Orientadora-FACED/UNIFESSPA)

Prof.^a Dra. Ana Clédina Rodrigues Gomes
(Membro-FACED/UNIFESSPA)

Prof.^a Ma. Silvana de Sousa Lourinho
(Membro- FACED/UNIFESSPA)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha mãe, Leide Aparecida e ao meu pai Germino, pelo apoio e amor incondicional durante essa longa jornada.

A minha irmã Adriele, pelo apoio durante esses quatro anos.

A minha orientadora Vanja, pelos conhecimentos que me passou dentro e fora da universidade, além de conselhos que ajudaram na minha construção como pedagoga.

A minha amiga Denise Marinho e aos meus amigos Adriano Barros e Anderson Souza, pelo companheirismo e pelas alegrias vivenciadas, que me ajudaram a sair de momentos de desespero.

A minha colega e amiga Yanne Santos e aos meus colegas e amigos Pedro Henrique Morgilia e Samuel Henrique da Silva, pelos quatro anos de trabalhos em grupo, estresses, conversas alegres e companheirismo.

As minhas vizinhas Rayane Silva e Renata Silva, por me aturarem durante todo esse período, e pelas alegrias vivenciadas.

As professoras e aos professores que contribuíram de forma significativa na minha formação acadêmica e na minha construção crítico reflexiva da realidade.

As todas as pessoas que não foram citadas, mas que contribuíram de forma significativa para que eu não surtasse durante esses quatro anos.

quero pedir desculpa a todas a mulheres
que descrevi como bonitas
antes de dizer inteligentes ou corajosas
fico triste por ter falado como se
algo tão simples como aquilo que nasceu com você
fosse seu maior orgulho quando seu
espírito já despedaçou montanhas
de agora em diante vou dizer coisas como
você é forte ou *você é incrível*
não porque eu não te ache bonita
mas porque você é muito mais do que isso

(rupi kaur)

RESUMO

Este trabalho tem como tema a desigualdade de gênero provocada pelo sexismo no ambiente escolar, assunto pouco debatido e aprofundado no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará e no geral nos cursos de formação inicial de professores da educação básica. A relevância social está em levar para a escola a discussão sobre esse tema, necessitando de colaboração externa. Nossos objetivos, foram analisar como o sexismo está presente no ambiente escolar a partir do olhar das alunas de uma turma do 6º ano do ensino fundamental em uma escola municipal de Marabá-Pará, verificando as perspectivas das gestoras e de uma professora da escola em relação a desigualdade de gênero gerada por essa discriminação. A metodologia utilizada foi a pesquisa de campo, com abordagem qualitativa. Como procedimentos para coleta de dados foi realizada uma oficina com as alunas, além do uso de formulários de entrevistas a partir da plataforma Google Forms, aplicados a equipe gestora e a uma das professoras do grupo de alunas participantes da oficina. Como resultado, as alunas confirmaram que são cobradas na escola pela maioria dos professores por comportamentos ditos femininos. Já as gestoras, estão cientes do que significa desigualdade de gênero e sexismo, havendo discordância entre elas que existam essas discriminações na escola. Já a professora declara não gostar de como a mulher é julgada e as vezes comete, inconscientemente, essas discriminações. Consideramos que a escola estudada reforça o sexismo, promovendo a desigualdade de gênero. Essa discriminação está arraigada de forma sutil, quase imperceptível, devido ser reproduzida somente com ações corriqueiras, vistas como comuns do dia a dia da escola.

Palavras-chave: Gênero. Desigualdade de gênero. Sexismo na escola.

ABSTRACT

This work has major thematic as gender inequality promoted by sexism in the school's environment. A less debated and explored issue in pedagogy course of 'Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará' and in most formation courses of early childhood education teachers. The social relevance is prompted to school this debate, necessitating external collaboration. Our objectives were analyzed how sexism was present in school's environment, starting in 6^o grade elementary 'Marabá-Pará' municipal school female students' point of view, verifying the school supervisors and one female teacher perspectives about gender inequality generated by this form of discrimination. The utilized methodology was field research with qualitative approach. We realize one workshop with the female students as a data collected proceeding, alongside with Google forms questionnaires applied to supervisors equip, one female teacher and workshops participants. As a result, the female students confirmed that were charged in school by behaviors considered 'feminine'. However, the supervisors are aware of gender inequality and sexism meaning but, disagree between then that this kind of discrimination occurs in school. The female teacher already declares that dislike the way women are judged and sometimes, unconsciously, commit this kind of sexism discrimination in school. We considered that the evaluated school reinforce sexism, promoting gender inequality. This discrimination is subtly rooted, almost unthinkable, due been reproduced in commonplace actions, seen as common in day-to-day school.

Keywords: Gender, Gender inequality, School's Sexism.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 CONSTRUÇÃO DA DESIGUALDADE DO GÊNERO FEMININO	14
3 O SEXISMO COMO DESIGUALDADE DE GÊNERO E SUAS IMPLICAÇÕES NO AMBIENTE ESCOLAR	23
3.1 Avanços e retrocessos sobre estudos de gênero na educação brasileira	23
3.2 O sexismo no ambiente escolar e suas consequências	26
4 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA	30
4.1 Fundamentos da Pesquisa	30
4.2 Descrição dos Participantes	31
4.3 Caminhar Metodológico e as Mudanças Provenientes do Contexto da Pandemia	31
4.4 Instrumentos de pesquisa	34
4.5 Apresentação dos dados coletados na escola	35
4.5.1 Dados da única oficina realizada com as 34 alunas.....	35
4.5.2 Dados das entrevistas realizada pelo Google Forms com a equipe gestora	40
4.5.3 Dados das entrevistas realizada pelo Google Forms com a professora.....	41
4.6 Análise dos dados	42
4.6.1 Análise da oficina	42
4.6.2 Análise dos cartazes.....	43
4.6.3 Análise da entrevista com a professora	44
4.6.4 Análise das entrevistas com as gestoras da escola.....	45
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIA	50
APÊNDICE A – Carta de apresentação para a diretora	52
APÊNDICE B – Termo de consentimento apresentado para as gestoras	53
APÊNDICE C – Termo de consentimento apresentado para a professora	55
APÊNDICE D – Primeira oficina apresentada na escola	56
APÊNDICE E – Oficina apresentada na escola com as correções solicitadas	61
APÊNDICE F – Questionário que seria realizado com as alunas	67
APÊNDICE G – Formulário realizado com a professora	68
APÊNDICE H – Formulário realizado com as gestoras	69

1 INTRODUÇÃO

As práticas sexistas estão no cotidiano das pessoas em geral, já que nesse modelo de sociedade patriarcal, é comum vermos discriminação de gênero, principalmente com relação às mulheres, que são subjugadas, desvalorizadas e inferiorizadas em relação ao/e pelo homem. Como o sexismo está enraizado na sociedade, ele perpassa por algumas instituições, como empresas, igrejas e escolas.

A escola pode reproduzir o sexismo inconscientemente, já que no modelo de sociedade, atos sexistas são comuns e até mesmo bem-vistos pelas pessoas. Ao separar meninas e meninos, seja em filas ou atividades, reforça a ideia de que são diferentes, de que não deveriam ser tratados de forma igualitária, já que uma menina “frágil e delicada”, não consegue realizar as mesmas atividades de um menino “forte e inquieto”.

Em algumas escolas, devido à falta de conhecimento do tema, pode haver o reforço das características dessa discriminação, tratando-a como algo natural e inofensivo, e assim perpetuando-a.

Então buscou-se a bibliografia que explicaria esse fenômeno e quais as possíveis consequências. E com uma revisão bibliográfica, surgiu o interesse por entender o termo sexismo, que foi descrito como aquele que cria comportamentos específicos para ambos os sexos.

Segundo Smigay (2002), sexismo é uma forma de discriminação de gênero, principalmente o feminino, é uma atitude de discriminação em relação às mulheres, que pode ser perpetuado por homens e por mulheres, ou seja, uma discriminação entre gêneros e intragênero.

O sexismo é uma discriminação baseada no sexo, uma forma de inferiorizar as mulheres, criando assim uma desigualdade de gênero. Por ser uma criação do modelo de sociedade em que vivemos, ela perpassa por todas as instituições, inclusive a escola.

Por estar presente em algumas escolas, foi possível identificar esse tipo de discriminação durante o período de observações, que ocorreram durante o estágio obrigatório do curso.

O curso de pedagogia teve como obrigatório a vivência escolar, onde as alunas e os alunos devem acompanhar as/os professoras/es e as/os gestoras/es, tanto de escolas públicas quanto de particulares, ocasionando também na observação do ambiente escolar. Por conta dessas vivências obtidas no decorrer do curso surgiu o interesse para pesquisar o porquê de alunas e alunos serem tratados de forma diferente.

Para embasar teoricamente o trabalho, utilizo Beauvoir (2016a, 2016b), Saffioti (1987, 2004), Smigay (2002), Louro (2014), Silva; Silva; Santos (2009), Menezes (2013), Conceição; Santos (2017), Monteiro; Ribeiro (2020), Silva; Brabo; Shimizu (2019), Santana (2016) entre outros.

Segundo Silva; Silva; Santos (2009), o falar sobre gênero, por falta de conhecimento, é confundido com sexo biológico, que determina as aparências físicas e anatômicas, ficando restrito somente às genitálias femininas e masculinas (vulva e pênis), que possuem como uma das funções a reprodução humana. Mas o gênero é uma construção sociocultural, que vai além do sexo biológico, e que pode ser mutável, ou seja, passível de transformações.

Ao classificar as crianças por seu sexo biológico, cria-se expectativas do que cada um vai ser e de como irão se comportar, meninas usarão roupas na cor rosa, serão meigas e comportadas, assim como uma “princesa” deve ser, já os meninos usarão roupas na cor azul, serão travessos e baderneiros, assim como um “macho” deve ser.

Desde a infância, as pessoas já são obrigadas a saberem o seu lugar, e quando se refere a gênero, as mulheres ocuparão o espaço de mães e donas de casa, e para isso, são “treinadas” desde criança para ocupar esse posto, como por exemplo, as meninas aprendem a cozinhar e a realizar atividades domésticas. Já os meninos são “treinados” para serem os principais (e até mesmo os únicos) responsáveis pelo sustento da família¹, o patriarca, que exercerá domínio sobre a mulher.

É baseado nessa discriminação que o papel da mulher foi sendo moldado na sociedade, que seria o de dona de casa, mãe e boa esposa, então, quase tudo que está relacionado ao feminino, tem como finalidade reforçar essas funções.

A escola, inconscientemente, pode alimentar a cultura do sexismo, onde a menina tem sempre que se comportar como uma moça, através de discursos como, “você já é uma moça, se comporte como tal”, “não pode se sentar assim, pois não são modos de uma moça”, frases essas que moldam e designam comportamentos que são ditos femininos, impedindo que essa menina aja de acordo com sua faixa etária, e até mesmo impede de se divertir com brincadeiras ditas masculinas e com meninos, criando assim a ideia de que elas se desenvolvem mais rápido, enquanto na verdade, lhes é imposto um comportamento de mulher adulta.

¹ Segundo o censo do IBGE de 2010, lares comandados por mulheres, sem cônjuge e com filhos, chegaram a 87,4%, demonstrando que, apesar de mulheres não serem vistas como chefes de família, acabam exercendo essa função (IBGE, 2014).

Segundo Smigay (2002), observando que as escolas diferenciam seus alunos por gênero, vê-se necessário uma reflexão sobre o porquê e quais os conceitos que se utilizam para essa diferenciação e como combater por meio da educação.

Já que ao classificar as crianças por gênero, perpetua a ideia de que elas são desiguais, criando assim uma expectativa diferente para ambos.

Assim, essa prática de discriminação é conhecida como sexismo, onde o gênero feminino é o alvo, que sofre com as regras impostas, com a rivalidade intragênero, que é a discriminação de mulheres contra mulheres, e a violência.

A relevância socioeducacional dessa pesquisa está em querer demonstrar que a escola, deve ser um local de esclarecimento e conhecimento e não mais um espaço de perpetuar o sexismo. Como essa temática não está presente no currículo dos cursos de formação inicial e continuada de professores, então dificilmente ela será discutida no espaço escolar, necessitando de colaboração externa para abrir caminhos e debater o tema. Sendo a relevância social deste estudo, trazer informações e dados para ajudar a escola e até mesmo o sistema educacional municipal na busca por combater o sexismo dentro das escolas.

Para Menezes (2013), uma das funções da escola seria o de orientar e construir conhecimentos sobre desigualdade de gênero e sexismo. É função da escola ajudar na desconstrução de preconceitos, não naturalizando a dominação masculina, e ajudando na conscientização das mulheres, dentro e fora da escola, para que haja a diminuição de preconceito contra a mulher.

Este estudo tem como questão problematizadora, verificar como uma determinada escola pública municipal reforça, por meio do sexismo, para a desigualdade de gênero, que tanto tem influenciado na construção de papéis sociais, em especial o das mulheres.

Assim sendo, nosso objetivo geral é analisar como o sexismo está presente no ambiente escolar a partir do olhar das alunas de uma turma do 6º ano do ensino fundamental em uma escola municipal de Marabá-Pará. Como objetivo específico, analisaremos as perspectivas das gestoras e de uma professora da escola em relação a desigualdade de gênero gerada por essa discriminação.

Para a realização da pesquisa, usamos a abordagem qualitativa, pois é o que melhor se adequa ao que a temática exige, pois conforme Prodanov; Freitas (2013), essa pesquisa tem o campo pesquisado como principal fonte de dados, tendo um contato direto do objeto de estudo.

Como método de pesquisa, utilizaríamos o estudo de caso, mas devido à pandemia - que é uma epidemia de uma doença contagiosa que atinge a população de uma grande região,

ou o mundo todo – as aulas presenciais foram suspensas, impedindo que a pesquisa continuasse com o método escolhido, mudando então para a pesquisa de campo.

A mudança também atingiu os instrumentos de pesquisa, que antes seriam questionários presenciais realizados com as alunas, e optamos por utilizar um questionário online com a gestão da escola e uma professora do 6º ano do ensino fundamental.

O trabalho está dividido em três partes, sendo que na primeira parte, realizamos a revisão da literatura sobre a construção da inferioridade do gênero feminino, onde abordamos em tempos históricos e atuais como o gênero feminino, devido as suas características foi denominado inferior. Na segunda, traçamos uma discussão sobre como o estudo de gênero estava incluso nos documentos oficiais da educação e o porquê de a atual política ter retirado esse tema das escolas. E como o sexismo pode estar incluso no ambiente escolar e suas consequências.

Na terceira parte apresentamos o desenvolvimento da pesquisa, onde estão indicados o método e os procedimentos utilizados para a realização da pesquisa, o local e os participantes, sendo descrito o que ocorreu durante toda a visitação e aplicação, além das análises e resultados.

Por fim, nas considerações finais, buscamos responder à questão problematizadora proposta para esse trabalho de conclusão de curso.

2 CONSTRUÇÃO DA DESIGUALDADE DO GÊNERO FEMININO

Nesse capítulo iremos tratar sobre como foi construído a desigualdade do gênero feminino, por meio de uma revisão bibliográfica que demonstra por fatos históricos que as mulheres tiveram uma posição de subalternidade, consideradas inferiores e incapazes.

Por meio de uma bibliografia atual, haverá uma demonstração de que as mulheres saíram da posição de subalternidade, mas ainda há pela frente muitas lutas para que consigam estar em igualdade com os homens.

“Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (BEAUVOIR, 2016b, p. 11), assim, Beauvoir dá início ao livro “O segundo sexo: a experiência vivida”. É com essa frase da autora que corroboramos que ser mulher, ontem e hoje, é uma construção da sociedade em que ela vive, e que vai além de características físicas que limitam o ser mulher.

Historicamente, o sexo biológico foi utilizado como forma de distinção entre homens e mulheres, e que devido a fatores físicos, os homens passaram a ser “superiores”, criando assim uma relação de poder deste sobre a mulher, inferiorizando-a, desvalorizando-a e violentando-a, com o pretexto de sua “superioridade” masculina, justificando a desigualdade entre ambos os sexos.

O argumento de que homens e mulheres são biologicamente distintos e que a relação entre ambos decorre dessa distinção, que é complementar e na qual cada um deve desempenhar um papel determinado secularmente, acaba por ter o caráter de argumento final, irrecorrível. Seja no âmbito do senso comum, seja revestido por uma linguagem “científica”, a distinção biológica, ou melhor, a distinção sexual, serve para compreender – e justificar – a desigualdade social (LOURO, 2014, p. 24-25).

“A divisão dos sexos é, com efeito, um dado biológico, e não um momento da história humana” (BEAUVOIR, 2016a, p. 16), ou seja, a separação entre ambos os sexos ultrapassa a capacidade humana, mas a distinção e a inferiorização de um em benefício do outro, é uma construção histórica, daquele que se considera a maioria e detentor do poder.

A dominação do homem sobre a mulher, dar-se-á por vários quesitos, e um deles é a força física, que em parte não deixa de ser verdade, mas há exceções, porque é algo relativo e varia de pessoa a pessoa, independente do sexo. Existem mulheres que possuem força física superior à de alguns homens. Portanto, este quesito não deveria ser utilizado como forma de inferiorização da mulher, mas infelizmente, recorrem a esse argumento como justificativa para praticar discriminações contra as mulheres (SAFFIOTI, 1987).

Outro modelo de inferiorização, seria a da incapacidade intelectual, afirmando que as mulheres são menos inteligentes que os homens, mas segundo Saffioti

O dito popular *lugar de mulher é em casa* é eloquente em termos de imposição da ideologia dominante. Em ficando em casa todo ou quase todo o tempo, a mulher tem menor número de possibilidades de ser estimulada a desenvolver suas potencialidades. E dentre estas encontra-se a inteligência (SAFFIOTI, 1987, p. 14).

Não é oferecido à dominada as mesmas oportunidades do dominante, por isso um baixo número de mulheres ocupa espaços de prestígio social. Dificultando a quebra dessa discriminação, permitindo assim que o processo de dominação-exploração seja mais fácil e sem que a dominada-explorada perceba a sua condição.

A mulher foi colocada como inferior, criando sobre ela estereótipos, que foram estabelecidos pelos homens, como forma de subjugar-la, munidos de teorias do sexo frágil, tanto emocionalmente quanto fisicamente, e de que são intelectualmente inferiores.

Foram então criados papéis sociais, onde cada sexo deveria ter sua função, para um bom convívio em sociedade. Mulheres sendo encarregadas do trabalho doméstico e homens encarregados de proverem o sustento da família.

Para que os papéis sociais alcançassem seu apogeu, foi necessário a construção do que é ser mulher e o que é ser homem, uma criação que utilizou o sexo biológico como seu principal provedor de ideias e regras a serem seguidas.

Ser mulher independe do sexo biológico, que a formação do ser mulher “é o conjunto da civilização que elabora esse produto” (BEAUVOIR, 2016b, p. 11). E como é algo construído pela sociedade em que se vive, há regras e imposições das quais as mulheres devem seguir, começando pelo corpo, que sofre com as limitações impostas, com os tabus e os procedimentos que devem submetê-los para entrar em um padrão.

Para os homens, o corpo, principalmente a parte genital, é algo para orgulhar-se, enquanto para mulheres é algo para envergonhar-se, e por causa dessa vergonha, muitas não conhecem o próprio corpo. O corpo feminino é visto como algo sujo, os odores por ele exalado, devem ser mascarados com produtos, muitos até prejudiciais à saúde da mulher.

Para a menina, é obrigatório seguir algumas regras, e uma delas está associada a imagem, a beleza feminina, segundo Beauvoir (2016b, p. 23),

Por meio de cumprimentos e censuras, de imagens e palavras, ela descobre o sentido das palavras ‘bonita e ‘feia’; sabe, desde logo, que para agradar é preciso ser ‘bonita como uma imagem’; ela procura assemelhar-se a uma imagem, fantasia-se, olha-se no espelho, compara-se às princesas e às fadas dos contos.

As meninas se comparam com imagens estereotipadas, e aí se sentem belas ou feias a partir delas, porque lhes foi ensinado que só existe um tipo de beleza, que foge da realidade estética e cultural do país, o que pode acarretar baixa autoestima e transtornos alimentares.

Outro ponto também importante que vai constituir a mulher, é a passividade, vista como algo inato, como se todas as meninas já nascessem com o dom de serem quietas e comportadas, mas na verdade não é um dado biológico do sexo feminino, mas sim uma imposição da sociedade (BEAUVOIR, 2016b).

A puberdade, é o momento que a menina deixa de ser considerada uma criança e passa a ser uma moça, os seios crescem, nascem os pelos pubianos e ocorre a primeira menstruação, fatos biológicos que causam estranheza e vergonha, segundo Beauvoir (2016b, p. 53),

A menina a enfrenta com inquietação, com desprazer. No momento em que se desenvolvem os seios e o sistema piloso, nasce um sentimento que por vezes se transforma em orgulho, mas que é originalmente de vergonha; subitamente a criança enche-se de pudor, recusa-se a mostrar-se nua, mesmo às irmãs e mãe, examina-se com um misto de espanto e horror e é com angústia que espia a turgidez do carço duro, um pouco doloroso, que surge sob as mamas antes tão inofensivas quanto o umbigo.

O espanto ocorre-lhe devido não ter sido informada, não ser instruída pelas mulheres próximas que também passaram por esse momento, pois mesmo que a mulher já seja adulta, o corpo antes, durante e depois das mudanças ainda é visto como algo para envergonhar-se, então guardam o que acontece para si.

Quando se trata da menstruação, a vergonha ainda é maior, já que é vista como algo repugnante e sujo, deve-se esconder qualquer resquício que indica esse momento, fala-se dela como se fosse uma confidência, e deve-se tomar todo o cuidado para o sangue não sujar a roupa e expor a menina à humilhação.

Desde a infância a menina descobre que devido ao fator biológico, ela se torna inferior aos meninos, e quando chega na adolescência, essa percepção acentua-se,

compreende-se agora que drama dilacera a adolescente no momento da puberdade: ela não pode tornar-se adulta sem aceitar sua feminilidade; ela já sabia que seu sexo a condenava a uma existência mutilada e paralisada; descobre isso agora sob a forma de uma doença impura e de um crime obscuro. Sua inferioridade era somente apreendida, a princípio, como uma privação: a ausência do pênis converteu-se em mácula e em falta. É ferida, envergonhada, inquieta, culpada que ela se encaminha para o futuro (BEAUVOIR, 2016b, p. 74).

O corpo biologicamente feminino, é repleto de tabus, criados para designar as mulheres como seres sujos e inferiores. Causando nas mais jovens o medo da transformação e para as mais velhas, a vergonha de ter um corpo repudiado. A gravidez e a menstruação são comuns em um corpo biologicamente feminino, mas também são repletos de preconceito, devido as suas peculiaridades.

As características femininas, como a menstruação e a gravidez, colocaram a mulher em condição de impotência, já que devido estarem nessas ocasiões, elas passavam longos períodos em inatividade. A menstruação sempre foi vista como algo impuro, as mulheres quando entravam nesse período, deveriam ficar distantes das colheitas, se tocassem no vinho o transformariam em vinagre, e vários outros tabus que criaram em relação ao sangramento mensal das mulheres.

A impureza do sangue feminino, não está somente relacionado ao sangue em si, ou o tabu criado em cima dele, mas sim pelo motivo que Beauvoir (2016a, p. 212) explica,

Não é esse sangue que faz da mulher uma impura; antes, ele manifesta a impureza; aparece no momento em que a mulher pode ser fecundada e quando desaparece ela se torna em geral estéril; jorra do ventre em que se elabora o feto. Através dele exprime-se o horror que o homem sente ante a fecundidade feminina.

A mulher foi posta em uma posição de inferioridade em relação ao homem, onde ele se considera um ser superior, lugar criado por ele mesmo. Segundo Beauvoir (2016a), a mulher é vista como o Outro, mas não foi ela quem se colocou nesse lugar, mas sim aquele que se considera como o Um, e perpetua essa ideia do Outro para que ela não se torne o Um. Então, a mulher na posição de inferioridade não consegue sair, devido ao discurso que se faz insistente em colocá-la como outro e a própria submissão perante o homem.

Desde seu nascimento, mulheres são vistas como algo indesejável, já que os bebês do sexo feminino não eram desejados pelo pai e pela família, e em algumas culturas, essas meninas poderiam ser mortas ao nascer, a sobrevivência delas era vista como um ato de grande generosidade. A expectativa das famílias, era a de que a mulher concebesse um menino, o primogênito, aquele que herdaria os bens da família (BEAUVOIR, 2016a).

As meninas se tornam uma propriedade, elas primeiramente pertencem aos pais, assim como o escravo pertence ao seu senhor, depois do casamento, ela se torna propriedade do marido, onde deve fidelidade total, e se cometesse infidelidade conjugal, era permitido ao homem punir sua esposa, até mesmo com a morte, não podia existir a possibilidade de um bastardo adentrar na família (BEAUVOIR, 2016a).

Assim ao longo da história, a mulher se viu totalmente dependente do homem, foi construído nela, desde o seu nascimento, esse complexo de subordinação e de inferiorização perante o masculino, onde suas vontades foram apagadas, só lhes restando a obediência como um ser invisível que não necessitava de nada além do que uma casa para cuidar, filhos para educar e um marido para protegê-la.

Para que as mulheres fossem destinadas a serem donas de casa, mães e boas esposas, foi necessária a utilização de características do sexo feminino, utilizaram-se de atributos físicos para definir comportamentos e ações.

Para que ocorressem mudanças no conceito do que é ser mulher, fez-se necessária a percepção de que o ser mulher vai além das características físicas e biológicas, a construção das pessoas ultrapassa qualquer regra imposta, seja por questões físicas ou sociais.

É necessário demonstrar que não são propriamente as características sociais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou pensa sobre elas que vai construir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos. O debate vai se constituir, então, por meio de uma nova linguagem, na qual gênero será um conceito fundamental (LOURO, 2014, p. 25).

A categoria gênero foi construída para desmistificar os papéis sociais atribuídos aos sexos biológicos, e a possível superioridade que um exerceria sobre o outro, já que gênero é uma construção sociocultural do ser feminino e masculino, que independe do sexo, que pode ser mutável e de acordo com as descobertas sexuais e do corpo de cada indivíduo, possibilitando que cada pessoa descubra por si seus gostos e peculiaridades. Foi criado para desconstruir a ideia de que só existe o homem e mulher de acordo com o sexo biológico.

O primeiro estudioso a mencionar a categoria Gênero foi Robert Stoller, em 1968, mas somente em 1975, com o artigo de Gayle Rubin, que os estudos de gênero aumentaram, investigando uma nova perspectiva, ou seja, a de gênero (SAFFIOTI, 2004).

Um dos motivos para a adoção do termo gênero, foi o de negar que o sexo biológico fosse o único capaz de designar homens e mulheres, sua imutabilidade já não era mais capaz de abranger todas as pessoas e suas singularidades (SAFFIOTI, 2004).

Ao categorizar gênero, leva-se em consideração todas as características históricas que envolvem homens e mulheres e suas representações. Desconstruindo papéis sociais atribuídos a ambos, já que entre eles também estão envolvidas as relações de poder, onde o homem exerce grande influência na sociedade patriarcal.

Nessa relação de poder entre os gêneros, Saffioti (2004, p. 113) explica que,

Ninguém contesta que o poder seja central na discussão de determinada fase histórica do gênero, já que este fenômeno é cristalino. O que precisa ficar patente é que o poder pode ser democraticamente partilhado, gerando liberdade, como também exercido discricionariamente, criando desigualdades.

Nesse modelo de sociedade patriarcal, o poder torna-se em desigualdade de gênero, onde favorece o masculino, e descredibiliza o feminino, criando regras e gerando violência contra ele. Construindo assim, hierarquia entre os gêneros, em que as mulheres não detêm nenhum poder.

Construindo então o termo gênero, desconstrói tudo o que foi criado com base em ideologias machistas, retirando a superioridade e a inferioridade entre o homem e a mulher. E principalmente, deixa livre para que cada pessoa se construa da forma como descobre o seu corpo e suas peculiaridades.

Retira-se assim a binaridade entre homem e mulher instituídos pelo sexo biológico, dando lugar a várias categorias de homens e de mulheres, todos graças ao termo gênero, que possibilitou pessoas a se identificarem e a assumirem o que são sem medo de serem incompreendidas. “Uma das consequências mais significativas de desconstrução dessa oposição binária reside na possibilidade que abre para que se compreendam e incluam as diferentes formas de masculinidade e feminilidade que se constituem socialmente” (LOURO, 2014, p. 38).

Mesmo após a criação do termo gênero, as pessoas ainda são distinguidas pelo sexo biológico, pois a distinção vai muito além dessa categorização, está arraigado na sociedade a ideia de que homens e mulheres devem ocupar espaços, profissões e possuírem afazeres diferentes, construindo a desigualdade de gênero.

A desigualdade de gênero está pautada nas relações de poder, em que o homem se colocou na posição de superioridade,

Desde o início da humanidade, o homem utilizou de sua **força física para dominar as relações sociais**. Esse domínio começou no âmbito familiar privado e estendeu-se ao âmbito público com o passar do tempo. **As mulheres ficaram sob o domínio de homens**, e os espaços públicos relativos ao comércio, às empresas, à política e às ciências foram dominados quase que exclusivamente por eles até o século XX. Aí está a gênese da desigualdade de gênero (PORFÍRIO, p. 2).

A desigualdade de gênero, transcorre por todos os ambientes, sejam eles, educacionais, econômicos e políticos, basta observar os cargos, funções e quantidade de homens e mulheres, que se nota a grande discrepância entre ambos.

A “inferioridade” feminina perpassa por vários campos de conhecimento, todos baseando-se em uma construção de fragilidade da mulher. Colocando-as em posição de incapacidade política, devido serem “mais sentimentais”, não possuem qualificação para ocupar uma posição de prestígio.

A sociedade está dividida entre os dominantes e os dominados. Na categoria de dominador, está, principalmente, o homem branco com poder aquisitivo, já na categoria dominado, estão todos aqueles que não se enquadram na primeira categoria (SAFFIOTI, 2004).

Quando se trata de dominação-exploração de gênero, o que se sobressai é o modelo patriarcal, onde os homens dominam e exploram as mulheres (SAFFIOTI, 2004), construindo uma relação de poder tão sólida, que muitas delas sequer percebem sua condição.

O patriarcado não é somente praticado por homens, ele é um dos alicerces para a construção das desigualdades e da violência, e como as mulheres se constroem sob o modelo de sociedade patriarcal, algumas delas aderem a perpetuação de práticas impostas por esse modelo, como por exemplo a rivalidade entre as próprias mulheres (SAFFIOTI, 2004).

Para que o homem exerça poder sobre a mulher, para ser considerado um macho, deve pagar um alto preço, ele é obrigado a ser sempre superior economicamente, para que não perca o seu posto de chefe da família, não lhe sendo permitido fracassar. Saffioti (1987, p. 25) afirma que,

ser *macho* não significa somente ter êxito econômico. Ao *macho* estão sempre associados valores como tais como força, razão, coragem. Logo, os raquíticos, os afetivos, os tímidos são solicitados impositivamente a se comportarem de forma contrária às suas inclinações. São, pois, obrigados a castrarem certas qualidades por serem consideradas femininas, por conseguinte, negativas para um homem. Para não correr o risco de não encarnar adequadamente o papel do *macho* o homem deve inibir sua sensibilidade.

O homem precisa demonstrar insensibilidade, agir de forma grosseira, se mostrar sempre superior, principalmente em relação as mulheres. Inibindo seus sentimentos, e seguir a palavra de ordem ‘Homem (com H maiúsculo) não chora’ (SAFFIOTI, 1987, p. 25).

A mulher também sofre com as imposições da sociedade, ela é constantemente posta em lugar de inferioridade em relação ao homem, já que são repassados de geração em geração preconceitos relacionados a ela. Para Saffioti (1987, p. 29),

torna-se bem claro o processo de *construção social da inferioridade*. O processo correlato é o da *construção da superioridade*. Da mesma forma como não há ricos sem pobres, não há superiores sem inferiores. Logo, a *construção social da supremacia masculina* exige a *construção social da subordinação feminina*. Mulher dócil é a contrapartida do homem *macho*. Mulher frágil é a contrapartida de *macho forte*. Mulher emotiva é a outra metade do homem racional. Mulher inferior é a outra face da moeda do *macho superior*.

Todos os valores atribuídos à mulher, como o sentimentalismo e a fragilidade são vistos como negativos, já que eles as “impedem” de serem mais racionais. Traços esses criados ao longo de uma construção feminina imposta pela sociedade patriarcal, utilizando-se da ideologia machista (que considera o homem superior a mulher) para desqualificá-la.

As mulheres, cansadas de ver a desigualdade entre elas e os homens, organizaram-se com o objetivo de discutir e questionar sobre a conjuntura que as colocaram como desiguais, e foi partindo desses questionamentos que surgiram as mais diversas reivindicações para combater a desigualdade, buscando igualdade entre os gêneros (SANTANA, 2016).

Um das primeiras revoluções pelos direitos das mulheres ficou conhecido como movimento sufragista, que reivindicava o voto feminino. A partir dele, surgiram outras reivindicações, chegando então à criação do movimento feminista.

O movimento feminista, que atualmente possui várias vertentes, juntamente com os movimentos de mulheres, são os principais responsáveis pelas conquistas femininas. Eles mapearam de onde vinha essa relação de opressão da mulher,

para os movimentos de mulheres e movimentos feministas, a situação de subordinação e opressão vivida pelas mulheres, inclusive dentro do espaço doméstico, era uma consequência de algo para além do indivíduo violentado (as mulheres), pois tratava-se de uma questão política e, portanto, merecia ser tratada como tal. Esse mote trouxe importantes consequências para a maneira como as relações entre homens e mulheres eram vivenciadas no mundo doméstico, causando fissuras que possibilitaram a algumas mulheres denunciar situações de violência e a outras intervir nessas situações (SANTANA, 2016, p. 34).

Uma das conquistas dos movimentos, foi a possibilidade de as mulheres poderem estudar, e hoje, elas possuem o maior nível de escolaridade se comparado com os dos homens, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018), no ano de 2016 a taxa de frequência escolar para elas é de 73,5%, para o ensino médio. Quanto ao ensino superior completo, mulheres de 25 à 44 anos, somam 21,5% e mulheres a partir de 45 anos são 12,9%. Esses dados são um indicativo de que políticas voltadas para o gênero feminino também possuem bons resultados.

Segundo o censo de 2010, somente 54,6% das mulheres estão inseridas no mercado de trabalho, uma porcentagem baixa, se comparada a dos homens (IBGE, 2018). Além de exercer atividades laborais remuneradas, essa porcentagem de mulheres também exerce atividades domésticas, calcula-se que elas passam 18,1 horas semanais realizando essas atividades, o que acarreta em uma sobrecarga de trabalho, demonstrando que mesmo com a conquista de poder trabalhar fora de casa, o serviço doméstico ainda é visto como uma atividade exclusivamente feminina (IBGE, 2014).

Outro dado, também importante, é a média salarial, prevê-se um rendimento mensal de 1764 para as mulheres, e 2306 para os homens,

a desigualdade de rendimento entre homens e mulheres no caso brasileiro é resultado, em grande medida, de uma inserção, no mercado de trabalho, diferenciada por sexo, com uma maior presença feminina em ocupações precárias, de baixa qualificação, pouco formalizadas e predominantemente no setor de serviços como, por exemplo, o trabalho doméstico (IBGE, 2014).

Esses e muitos dados, demonstram que a mulher está sim lutando por espaço, visibilidade e respeito, que aos poucos, entre progressos e retrocessos, elas estão alcançando o lugar de valorização. O cuidado com a casa e a criação dos filhos não são mais o seu único destino.

A luta para combater a desigualdade de gênero, é importante e precisa se ressignificar todos os dias, em todos os níveis, pessoais e profissionais, para a mulher poder conquistar seu lugar (BUZZI; ULIANA JÚNIOR; 2017).

Os movimentos, hoje e sempre, devem estar firmes e fortes para ajudar na emancipação feminina, para que a cada retrocesso dos direitos já conquistados, haja confrontos que buscam pela reparação e restituição.

Os movimentos conseguiram, através de reivindicações, mudar a vida das mulheres, o que antes era visto como inapropriado para elas, hoje é essencial e indispensável. Há ainda pela frente muitas lutas a serem travadas, mas o que já foi conquistado, deve e merece ser celebrado, para que sempre se lembrem que a mulher pode aquilo tudo que quiser.

3 O SEXISMO COMO DESIGUALDADE DE GÊNERO E SUAS IMPLICAÇÕES NO AMBIENTE ESCOLAR

3.1 Avanços e retrocessos sobre estudos de gênero na educação brasileira

Neste tópico, discutiremos sobre o avanço da inclusão dos estudos de gênero nos documentos oficiais da educação, para a promoção de uma escola igualitária e como, através de um grupo conservador, ele foi retirado dos mesmos, provocando retrocessos na área educacional.

No Brasil, os estudos de gênero na educação, avançavam conforme a necessidade de se adequar o currículo escolar para a promoção de igualdade de direitos, nas áreas de gênero, sexualidade e étnico-racial.

Esse progresso devia-se à Proclamação Universal dos Direitos Humanos, que versava sobre a proteção dos direitos humanos, que todo sujeito é detentor de direitos universais. Essa proclamação influenciou na construção da Constituição Federal (CF), que já no início demonstra sua preocupação com a preservação da dignidade humana (CARDOSO et al 2019).

No campo da educação, foi promulgada, em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que vem para estruturar a educação brasileira, atentando-se para o acesso e permanência na escola, pluralismos de ideias e respeito à liberdade (SILVA; BRABO; SHIMIZU, 2019).

Apesar da LDB garantir direitos iguais à educação, somente em 1997, com a promulgação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), é que a temática de gênero e educação sexual passou a ser um tema importante no currículo escolar. Dividido em cadernos, os PCN's trazem para o ambiente escolar diversos temas, além dos obrigatórios, e um desses cadernos vai trabalhar os estudos de gênero e educação sexual, sugerindo que essas temáticas sejam trabalhadas em temas transversais em todas as disciplinas (CARDOSO et al 2019).

Posteriormente, em 2001, foi criado o Plano Nacional de Educação (PNE), com metas a serem cumpridas em planos decenais. O PNE, é nacional, mas cada estado e município deveriam criar seus próprios planos seguindo como referência o plano nacional. O PNE pontuou em uma das metas as questões relacionadas a gênero e direitos humanos (CARDOSO et al 2019).

A 12ª meta dizia o seguinte,

Incluir nas diretrizes curriculares dos cursos de formação de docentes temas relacionados às problemáticas tratadas nos temas transversais, especialmente no que se refere à abordagem tais como: gênero, educação sexual, ética (justiça, diálogo, respeito mútuo, solidariedade e tolerância), pluralidade cultural, meio ambiente, saúde e temas locais (BRASIL, 2001, p. 35).

Com essa meta inclusa no PNE, a temática de gênero passa a ser um conteúdo obrigatório nos cursos de formação de professores. Para que a educação possa de fato ser promotora de igualdade de direitos e respeito pela diversidade.

O Brasil caminhava para a promoção de igualdade de gênero, seguindo um caminho traçado por várias leis, declarações e planos que buscavam esse objetivo. O avanço dessa temática era lento e doloroso, para desconstruir preconceitos e discriminações era necessária uma busca de onde surgiu e como poderia ser combatido.

Instaurou-se no Brasil uma onda de conservadorismo, fundamentalismo religioso e repressão, que ataca as políticas sociais e educacionais que estejam relacionadas a gênero e sexualidade, dificultando o avanço dos estudos nessas temáticas (MONTEIRO; RIBEIRO, 2020).

A retórica conservadora tem buscado espalhar o medo e a insegurança através de discursos moralizantes, como forma de abrir caminho para o conservadorismo político devassar as possibilidades de avanço social e democrático, construídas nos últimos quinze anos, no Brasil. Dentre estes discursos estão formas equivocadas de se referir à concepção sobre gênero, na medida em que elas estariam ameaçando a organização das famílias, no sentido tradicional, e que estaríamos reféns de uma tal ‘ideologia de gênero’, promovida pela escolarização, de modo geral, que estaria destruindo os valores desta família através do processo pedagógico (ALMEIDA; JAEHN; VASCONCELLOS, 2018, p. 1505).

Como ataque à igualdade de gênero, criaram o termo ideologia de gênero, que segundo seus criadores, essa ideologia vem para destruir a família tradicional brasileira, ofendendo a moral e os bons costumes (CARDOSO et al 2019).

Esse termo surgiu no movimento Escola Sem Partido, que deu origem a um projeto de mesmo nome, esse projeto propunha mudanças nas leis, planos e diretrizes educacionais, retirando desses documentos os estudos de gênero e sexualidade, pois segundo o mesmo, os professores poderiam estar influenciando os alunos, “impondo seus valores éticos, políticos e sexuais” (PENNA apud ALMEIDA; JAEHN; VASCONCELLOS, 2018, p. 1509).

Como efeito dessa onda conservadora nos documentos oficiais que versa a educação, nota-se que o termo gênero e sexualidade foram retirados, na nova atualização do PNE, 2014-2024, o texto que falava sobre a superação de desigualdades, para a promoção de igualdade de

gênero e sexualidade, fora vetado, entrando em seu lugar a erradicação de todas as formas de discriminação (SILVA; BRABO; SHIMIZU, 2019).

Essa nova atualização do PNE, desobriga os estados e municípios a trabalharem gênero nas escolas, ficando a cargo dos mesmos se vão ou não inserir a temática em seus currículos. Essa nova versão é um retrocesso ao que já tinha sido conquistado para a educação, com isso a escola caminha para um processo de obscurantismo.

Outro documento a sofrer com o conservadorismo foi a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que é um documento que regulamenta as aprendizagens essenciais para a educação básica, em versões anteriores, tinha como objeto de conhecimento corpo, gênero e sexualidade, discutindo suas distintas concepções (CARDOSO et al 2019).

Na sua última versão, aprovada em 2017, a BNCC já havia sofrido alterações, foram retiradas as palavras gênero e sexualidade, dando lugar a “princípios e valores éticos” (CARDOSO et al, 2019, p. 1469).

Para poder negar a importância de estudar gênero nas escolas, optaram por atacar documentos oficiais, retirando tudo aquilo que eles (os conservadores) julgaram como ideologia, que, segundo suas teorias, feria a moral e a ética dos bons costumes.

Sem os documentos oficiais, a escola não possui estrutura política para poder trabalhar gênero, ficando condicionada a seguir um currículo que nega a pluralidade dos seres, construindo-se em um espaço de desigualdade.

Apesar do PNE de 2001 ter como meta a inclusão de gênero no currículo das universidades, poucas chegaram a cumprir. A temática é pouco debatida nos cursos de licenciatura, professores são formados sem uma discussão mínima, e como não tiveram formação inicial, possuem dificuldades em trabalhar gênero em sala de aula.

Além da dificuldade em se trabalhar gênero devido a formação inicial não ter abrangido tais questões, existe também a negação de alguns professores, acreditando que este tema deva ser discutido pela família (SILVA; BRABO; SHIMIZU, 2019).

Deve-se levar em consideração que alguns professores também compactuam com o projeto Escola Sem Partido, partilhando das mesmas ideias de que a escola pode ser um ambiente nocivo para os filhos e filhas da família tradicional brasileira.

“A escola sofre, enquanto espaço influenciado pela política e pela sociedade com os reveses educacionais proporcionados pela visão restrita, preconceituosa e ideológica que pulula em uma sociedade que se submete à ignorância (MONTEIRO; RIBEIRO, 2020, p. 3).”

Assim como a escola, os alunos também sofrem com os retrocessos que a educação vem sofrendo. A não inserção de estudos de gênero no currículo escolar cria um ambiente

incapaz de discutir sobre desigualdades e como combatê-las. Meninas e meninos são condicionados a acreditar que são diferentes, e que por isso possuem atribuições diferentes.

Em tempos de incertezas em relação à promoção de políticas públicas que promovam o debate sobre gênero e sexualidade nas escolas, torna-se urgente a criação de territórios de diálogo e o fortalecimento da natureza plural das instituições educativas em defesa de uma agenda comprometida com a igualdade de direitos e oportunidades para mulheres e homens, independente de gênero, raça, etnia e classe social (ALMEIDA; JAEHN; VASCONCELLOS, 2018, 1515).

A escola, para enfrentar o conservadorismo, precisa se afirmar como instituição capaz de mudar essa realidade, somente com o debate sobre a atual realidade do Brasil é que trará a mudança tão desejada por muitos.

Somente com uma educação de qualidade é que será possível combater o atual cenário de negações da pluralidade humana. Estudar gênero é essencial para a construção de saberes sobre as mais variadas concepções de pessoas, de descobrir que cada uma possui sua singularidade e que jamais devem se encaixar em algo para serem aceitas.

A escola é isso, um espaço de debate e construção de conhecimento, isenta de ideias reducionistas, promovendo o bem-estar social de todos que queiram aprender.

3.2 O sexismo no ambiente escolar e suas consequências

Esse tópico tem como finalidade fazer uma discussão do sexismo com desigualdade de gênero e suas consequências no ambiente escolar, e como ele atinge diretamente as alunas e alunos.

O sexismo é uma discriminação baseada no sexo, que institui comportamentos que acreditam ser adequados para o sexo feminino, gerando assim uma desigualdade de gênero. Nesse trabalho, iremos utilizar a definição de sexismo a partir de Smigay (2002), por ser uma definição que abrangeu a temática do trabalho. Para ela,

o sexismo seria a discriminação em relação às pessoas do outro sexo, notadamente do outro gênero social, legitimando a violência contra as mulheres e todos aqueles que, em determinadas circunstâncias, são reconhecidos como tendo uma posição feminilizada (Smigay, 2002, p. 35).

Nesse modelo de sociedade, as pessoas são regidas por regras e valores impostos, em que se deve seguir à risca para não sofrer qualquer tipo de punição, e isso acontece com as pessoas de diferentes gêneros, que desde antes do seu nascimento já lhe é esperado um

determinado tipo de comportamento. É nesse ponto que surge o sexismo, que tenta distinguir as pessoas, moldando-as para caber no modelo binário, homem e mulher, e seus respectivos comportamentos.

O sexismo é tão bem articulado, criando a crença de que as diferenças entre os sexos é algo natural, como se o homem já nascesse com a responsabilidade de ser o racional, o forte, o protetor de sua família. Segundo Louro (2014, p. 67), “o processo de ‘fabricação’ dos sujeitos é continuado e geralmente muito sutil, quase imperceptível”.

Como o sexismo é construído e difundido no modelo de sociedade patriarcal, ele se encontra em diversas culturas e grupos sociais, adentrando em vários lugares, sejam religiosos, educacionais, empresariais e outros. A escola, que pertence ao educacional, pode promover em seu ambiente atos sexistas.

Separar filas e grupos por gênero e exigir determinados comportamentos também baseados no gênero, são atos sexistas visto normalmente como algo comum e corriqueiro na escola, mas o que não se percebe é que isso ensina aos alunos que eles são diferentes.

Antes de tentar percebê-lo pela leitura das leis ou dos decretos que instalam e regulam as instituições ou percebê-lo nos solenes discursos das autoridades (embora todas essas instâncias também façam sentido), nosso olhar deve se voltar especialmente para as práticas cotidianas em que se envolvem todos os sujeitos. São, pois, as práticas rotineiras e comuns, os gestos e as palavras banalizados que precisam se tornar alvos de atenção renovada, de questionamento e, em especial, de desconfiança. A tarefa mais urgente talvez seja exatamente essa: desconfiar do que é tomado como ‘natural’ (LOURO, 2014, p. 67).

A escola, como local de construção do conhecimento, poderia gerar questionamentos sobre o que seria natural e o que seria construído pelas pessoas, e principalmente, perceber como determinadas atitudes podem desenvolver algum tipo de preconceito e discriminação.

A sociedade, regida pelo sistema patriarcal, institui o comportamento de cada gênero, e a escola, oriunda desse sistema de sociedade, pode reproduzir essa ideia. Produzindo desigualdades entre meninas e meninos, moldando cada um no que seria o correto para ambos.

A escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o “lugar” dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas. Através de seus quadros, crucifixos, santas ou esculturas, aponta aqueles/as que deverão ser modelos e permite, também, que os sujeitos se reconheçam (ou não) nesses modelos (LOURO, 2014, p. 62).

A escola molda as crianças de acordo com o modelo de sociedade, causando efeitos catastróficos quando algumas dessas crianças crescem e percebem que não se identificam com aquilo que as obrigaram a ser.

Segundo Menezes (2013, p. 151),

As meninas são educadas para ter um comportamento submisso e passivo, fato que as incentiva a assumir papéis sociais associados ao âmbito do lar, como os papéis de mãe e esposa, ao contrário dos meninos, que são estimulados a assumir comportamentos voltados para a dominação, a independência e a força.

Desde criança aprendendo que meninas são frágeis e meninos são fortes, que ambos não podem exercer as mesmas atividades e nem as mesmas funções.

Para Menezes (2013, p. 149), “a escola ainda está pautada em um modelo de educação que privilegia a naturalização das hierarquias de gênero, pois o discurso presentes nas brincadeiras de sala de aula ainda se encontra envolto de preconceitos”. Sendo a escola então, uma das responsáveis pela sustentação da desigualdade de gênero.

Nas salas de aula, ao se desenvolver atividades em grupo, principalmente aquelas em que envolve algum tipo de competição, é comum os grupos serem divididos entre meninas e meninos, gerando rivalidade entre os gêneros, além da discriminação, que costuma ser de frases com teor misógino, os meninos ofendendo o grupo rival exatamente por serem meninas.

Algumas atividades são divididas pelo gênero por acreditar que as meninas não tem despenho igual ao dos meninos, reforçando a ideia da fragilidade feminina, e quando praticam a mesma atividade, elas são adaptadas para incluir as meninas.

Embora se valendo de discurso de diferentes matrizes, muitos professores e professoras atuam, ainda hoje, com uma expectativa de interesses e desempenhos distintos entre seus grupos de estudantes. A ideia de que as mulheres são, fisicamente, menos capazes do que os homens possivelmente ainda é aceita (LOURO, 2014, p. 77).

Outro motivo para a divisão de grupos por gênero, seria o de não estimular comportamentos que fogem do esperado para ambos os gêneros. A instituição escolar, tem por objetivo criar homens e mulheres heterossexuais (LOURO, 2014), pois a “naturalidade” sexual deve prevalecer.

Para rompermos essa barreira da desigualdade de gênero, é preciso aceitar que a escola pode sim reproduzir e perpetuar o sexismo, pois segundo Louro (2014), só se houver a admissão de que a escola também “fabrica sujeitos”, é que será possível interferir na continuação da criação de sujeitos desiguais.

(Des)construir-se não é tarefa fácil, as pessoas foram construídas seguindo um modelo de sociedade desigual, que maltrata e adoce aqueles que não se encaixam, mas é necessário romper esse ciclo, para a criação dos seres, deve-se ater a ideia de que a mudança é possível e um alvo a ser alcançado, e para isso, nada melhor do que a escola, um espaço para essa discussão e o combate dessa desigualdade.

A escola é um local propício para trabalhar questões como gênero, sexismo e desigualdade de gênero, pois faz parte da vida da maioria das pessoas, e justamente na idade em que as pessoas estão construindo conhecimento, então nada melhor do que trazer esses temas para o ambiente escolar.

Para que a desigualdade de gênero e o sexismo sejam combatidos dentro da escola, faz-se necessária a busca pelo conhecimento do que seria esses termos, debates e discussões, entre gestão, professores e outros profissionais da escola, devem se tornar frequentes, sempre buscando uma melhora da condição de todos.

4 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

4.1 Fundamentos da Pesquisa

A abordagem utilizada para a realização da pesquisa, foi a qualitativa, que busca uma maior interação do pesquisador com os pesquisados, sem a necessidade de traduzir em números os resultados obtidos. Segundo Prodanov; Freitas (2013, p. 70):

Na abordagem qualitativa, a pesquisa tem o ambiente como fonte direta dos dados. O pesquisador mantém contato direto com o ambiente e o objeto de estudo em questão, necessitando de um trabalho mais intensivo de campo. Nesse caso, as questões são estudadas no ambiente em que elas se apresentam sem qualquer manipulação intencional do pesquisador. A utilização desse tipo de abordagem difere da abordagem quantitativa pelo fato de não utilizar dados estatísticos como o centro do processo de análise de um problema, não tendo, portanto, a prioridade de numerar ou medir unidades.

Esse tipo de abordagem é relevante para esta pesquisa devido as suas características que buscam resultados descritivos, sem a intenção de comprovar hipóteses (PRODANOV; FREITAS, 2013).

Inicialmente pensamos em utilizarmos como método de pesquisa o estudo de caso² que segundo Severino (2007, p. 121) é a “pesquisa que se concentra no estudo de um caso particular, considerado representativo de um conjunto de casos análogos, por ele significativamente representativo. A coleta dos dados e sua análise se dão da mesma forma que nas pesquisas de campo, em geral”.

Esse método foi escolhido devido à realização da pesquisa ser em uma única escola do município de Marabá, a qual seria com um grupo de alunas do 6º ano do ensino fundamental de uma escola pública municipal. O que nos permitiria um aprofundamento sistemático com a aplicação de pelo menos 3 oficinas (observação participante) e em seguida a aplicação de questionário.

Entretanto, durante a pandemia, usamos a abordagem qualitativa, por meio de uma revisão da literatura e a pesquisa de campo³:

pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema para o qual procuramos uma resposta, ou de uma hipótese, que queiramos comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as

² Método escolhido antes da Pandemia.

³ No momento inicial anterior a Pandemia, foi desenvolvido a 1ª etapa da pesquisa de campo que se consubstanciou no desenvolvimento da 1ª oficina.

relações entre eles. Consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que presumimos relevantes, para analisá-los (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 59).

A pesquisa de campo foi a que melhor se adequou à pesquisa, depois dos acontecimentos que impediram a continuidade do trabalho presencial.

Com a retomada da coleta de dados e já durante a Pandemia, realizamos aplicação de formulários de entrevistas apenas com a equipe gestora e uma professora do grupo de alunas que participaram da oficina. A questão problematizadora que nos encaminhou, conforme já anunciado na introdução foi o fato da verificação como a escola contribui por meio do sexismo, para a desigualdade de gênero.

4.2 Descrição dos Participantes

Para a realização da pesquisa, o público-alvo escolhido foram pré-adolescentes e adolescentes do sexo biológico feminino⁴, pois o sexismo atinge as meninas em específico, sendo que participaram 34 alunas do 6º ano das séries finais do ensino fundamental, as quais foram escolhidas aleatoriamente pela coordenação pedagógica.

Na etapa em que foi realizada a pesquisa, séries finais do ensino fundamental, pré-adolescentes e adolescentes de 11 a 14 anos, estão se desenvolvendo socialmente, compreendendo como a sociedade é formada, e ao deparar-se com o sexismo sendo algo comum e rotineiro, tendem a reproduzi-lo, acreditando que é o correto.

Para dar continuidade à pesquisa durante o período de isolamento social, foram criados questionários para a gestão da escola e para uma professora. Uma das participantes foi a coordenadora pedagógica da escola que desde o início se mostrou interessada na pesquisa e apoiou a nossa entrada na escola, e convidamos também a orientadora pedagógica da escola.

Por fim, uma professora de língua portuguesa, que atua há 6 anos na educação básica, também se mostrou prestativa em responder o questionário, dando sua contribuição sobre o tema da pesquisa.

4.3 Caminhar Metodológico e as Mudanças Provenientes do Contexto da Pandemia

⁴ Foram escolhidas somente alunas porque, como explica Smigay (2002), o sexismo atinge o gênero social feminino e todos que tenham tendências feminilizadas.

Nessa seção, iremos detalhar tudo o que foi feito para a realização da pesquisa, começando pela primeira reunião com a coordenação da escola, passando pela oficina realizada com as alunas, até o momento em que tivemos de fazer adequações na metodologia.

No dia 24 de outubro de 2019, foi feito o primeiro contato com a escola para saber do interesse em participar da pesquisa. O aceite da coordenação foi de imediato, pois a coordenadora pedagógica é egressa do curso de pedagogia do antigo campus universitário de Marabá/UFPA, e sabe da importância da pesquisa para a elaboração de um TCC.

No dia 14 de novembro de 2019, foi realizado um segundo contato com a escola, para tratar da oficina a ser realizada com as alunas do 5º ano, uma proposta já tinha sido enviada para a escola por e-mail. Depois de uma leitura compartilhada com a coordenadora e uma professora do 5º ano, foi sugerido pela professora, a adaptação da metodologia, tornando-a mais lúdica, e de uma forma em que as alunas se sentissem livres a compartilhar suas ideias e opiniões de acordo com o tema. A coordenadora sugeriu que também fosse realizado com a turma do 6º ano, para aumentar o número de participantes na pesquisa, e que fosse alterada algumas questões relacionadas ao tema sexismo e desigualdade de gênero, devido à dificuldade desses conceitos o que poderiam dificultar a construção das respostas.

Já no dia 18 de novembro 2019, foi feito o terceiro contato com a escola, para apresentar o roteiro da oficina finalizada, e de acordo com as alterações solicitadas, já deixando marcado o dia da aplicação.

A realização da 1ª oficina ficou marcado para o dia 10 de dezembro, no período da tarde, para ser aplicada no 5º ano, a 2ª oficina ficou para o dia 11 de dezembro, manhã e tarde, realizar a oficina com as turmas de 6º ano.

No dia 10 de dezembro de 2019 não foi possível realizar a oficina com as alunas do 5º ano, devido a um imprevisto que aconteceu na escola, do qual fui comunicada com antecedência.

No dia 11 de dezembro de 2019, no período da manhã, foi realizada a 1ª oficina com as alunas do 6º ano A e B, no total de 18 meninas, com idade entre 11 e 14 anos e no período da tarde, participaram alunas do 6º ano C e D, num total de 16 meninas, entre 11 e 13 anos.

Tivemos que dar uma pausa na oficina, devido as férias e o planejamento escolar, que ocorreu em dezembro de 2019 e janeiro de 2020. Além de que durante esse período, até o início de março de 2020, eu estava de férias da universidade, o que impossibilitou a continuidade.

Com o retorno das minhas atividades na universidade para o cumprimento do período letivo 2020.2, e após a continuidade das orientações, no dia 11 de março de 2020, foi realizada

um novo contato com a escola, para saber da disponibilidade de dar continuação com as oficinas, ficando acordado que seria possível no dia 17 de março de 2020.

Após uma conversa com a orientadora, houve uma incompatibilidade de horários, a data e a hora marcada para dar continuidade com a pesquisa era incompatível com a agenda da orientadora, então foi necessário um novo contato com a escola para mudar a data.

Antes que fosse realizada uma nova reunião com a coordenadora da escola, a Organização Mundial da Saúde – OMS, declarou Pandemia, visto a crescente transmissão do vírus SARS-CoV-2 (Coronavírus), causador da Covid-19.

Com um alto nível de mortes, foi recomendado medidas protetivas como distanciamento social e evitar aglomerações. Essas medidas foram acatadas no município de Marabá/Pará, onde a escola se situa, e com isso as aulas foram suspensas, impossibilitando a continuação da pesquisa de campo.

Devido a pandemia, a metodologia sofreu alterações, como a não continuidade das oficinas e a não aplicação do questionário de entrevistas, impossibilitando conforme já mencionado a continuidade do método de estudo de caso.

A alternativa metodológica que decidimos para prosseguirmos com a realização do TCC, foi a pesquisa de campo, onde para a coleta de dados utilizamos a plataforma Google Forms para aplicar um formulário de entrevista com a equipe gestora e uma professora. Ficando acertado essas mudanças metodológicas com minha orientadora

Ficamos no aguardo do retorno das aulas na Unifesspa, e como até em 20 de agosto de 2020, ainda estávamos sem previsão de quando as aulas presenciais nas escolas municipais retornariam, foi acordado entre a aluna e a orientadora a mudança de pesquisa, e decidimos que não aconteceriam mais as oficinas e nem o questionário de entrevistas com as alunas, ficando decidido que a coleta dos dados seria realizada com a equipe gestora e com duas professoras, não sendo mais possível a participação das alunas.

Já com o retorno as aulas em um período letivo emergencial (PLE), iniciado em setembro, retornamos as atividades de elaboração do TCC. Em novembro de 2020, entramos em contato com a coordenadora da escola sobre a possibilidade de participação em uma entrevista, mantendo o distanciamento social, além da participação de outra pessoa da equipe gestora e duas professoras do 6º ano, de imediato ela concordou e conversou com a orientadora pedagógica sobre a disposição de responder um questionário na plataforma Google Forms⁵, tendo sua confirmação de participar. Com a continuidade da pesquisa de campo, conseguimos

⁵ Plataforma do google Drive.

com a ajuda da coordenação pedagógica, realizar o contato com uma das professoras e aplicamos o questionário de entrevista.

4.4 Instrumentos de pesquisa

Como instrumento de pesquisa, utilizamos o questionário, segundo Gil (2008, p. 121),

Pode-se definir questionário como a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc.

O questionário foi escolhido para que fosse possível fazer a pesquisa com o maior número de alunas, o que possibilitaria realizar com todas as alunas do 6º ano, e a presença do pesquisador não é necessária, elas se sentiriam menos intimidadas em responde-lo, dando assim liberdade para todas.

O questionário contaria com perguntas abertas, dando a possibilidade de cada uma responder o que sabem, sem interferência em suas respostas. As questões não possuem respostas certas ou erradas, seriam para verificar o que aprenderam durante as oficinas ministradas e comparar com os conhecimentos prévios sobre a temática.

As questões foram elaboradas e reelaboradas respeitando o nível de escolaridade das alunas, para que nenhuma tivesse dificuldade em responder, principalmente por não entender o que a questão pede. As questões foram analisadas e aprovadas pela orientadora do TCC, pela coordenadora da escola e por uma professora do 5º ano⁶.

O questionário constava com doze questões, distribuídas em três unidades de significados, com quatro questões cada, a primeira unidade era sobre o que é a mulher e o papel que ela exerce em sociedade, a segunda unidade era sobre gênero e desigualdade de gênero e a terceira era sobre o sexismo e como elas o percebiam na escola.

Devido a pandemia, o instrumento de pesquisa teve que ser mudado, ao invés de um questionário impresso, utilizamos um formulário online, na plataforma Google Forms, e foi aplicado com as gestoras e com uma professora da escola. Apesar da plataforma ser recente, criada em 2018, se tornou um meio significativo de se obter informações, além da sua praticidade, nesse momento de distanciamento social.

⁶ Entretanto, como já enunciado, não realizamos as entrevistas com as alunas, apenas realizamos com as mesmas a 1ª oficina, conforme exposto.

A grande vantagem da utilização do Google Forms para a pesquisa, seja ela acadêmica ou de opinião é a praticidade no processo de coleta das informações. O autor pode enviar para os respondentes via e-mail, ou através de um link, assim todos poderão responder de qualquer lugar (MOTA, 2019, p. 373).

Portanto, o formulário com 9 questões abertas foi enviado para as gestoras, o qual foi dividido em três unidades de significados, para facilitar a posterior análise das respostas. No início do formulário constavam três questões sobre a formação acadêmica, a função em que atuam na escola e o tempo de trabalho na educação básica, perguntas mais específicas para apresentarmos melhor os participantes.

Já para a professora, constavam no início do questionário as mesmas perguntas específicas feita para as gestoras, e mais 7 questões abertas sobre a temática, divididas também em três unidades de significados.

As unidades de significados selecionadas, foram as mesmas para os três questionários, para que a análise dos dados não fugíssemos do tema central da pesquisa e conseguíssemos assim alcançar os objetivos propostos.

4.5 Apresentação dos dados coletados na escola

4.5.1 Dados da única oficina realizada com as 34 alunas

Nesse tópico, iremos apresentar os detalhes da única oficina realizada, assim como uma breve discussão que houve após a realização da dinâmica, demonstrando uma pequena inquietação das alunas referentes a papéis de gênero e como são cobradas quando não seguem as regras pré-determinadas para as meninas.

No primeiro momento, foi solicitado que as alunas se apresentassem para que fosse criado vínculo entre a gente. Em seguida as alunas foram divididas em 2 grupos, para darmos início a dinâmica intitulada “o que esperar?”, logo em seguida foi solicitado que escrevessem em uma cartolina as frases “como as pessoas esperam que uma menina se comporte?” e “como as pessoas esperam que um menino se comporte?”. Essa dinâmica foi criada com o intuito de saber os conhecimentos prévios das alunas sobre o tema, de forma que as respostas não fossem influenciadas pela posterior explicação.

Abaixo segue as fotos dos cartazes produzidos pelas alunas a partir dos grupos:

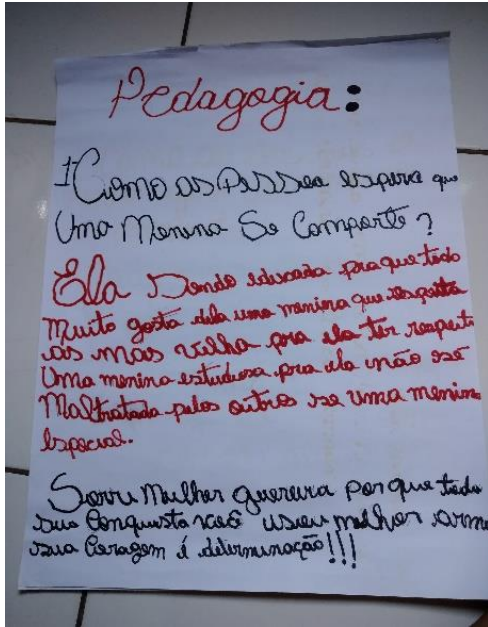


Figura 1: Cartaz confeccionado pelas alunas do turno da tarde.
- Ela sendo educada pra que todo mundo goste dela uma menina que respeite as mais velhas pra ela ter respeito uma menina estudiosa pra ela não ser maltratada pelos outros ser uma menina especial.

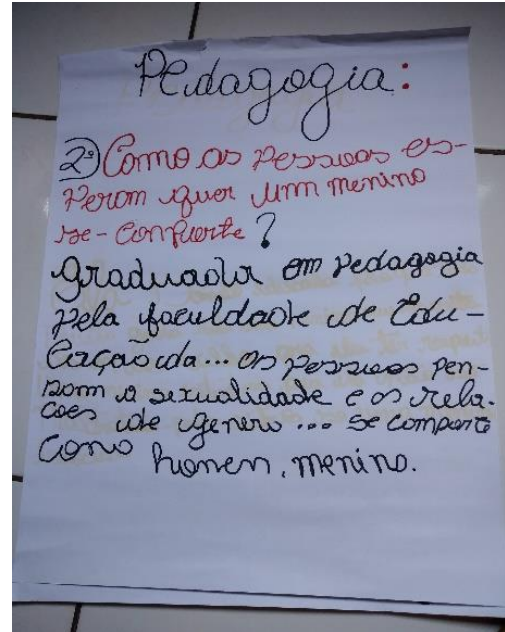


Figura 2: Cartaz confeccionado pelas alunas do turno da tarde.
- Se comporte como homem, menino.

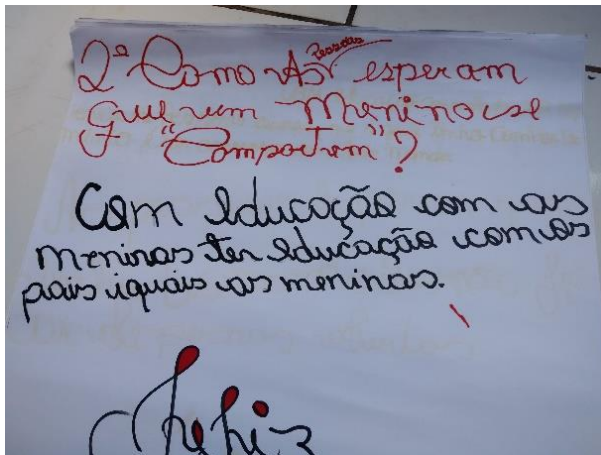


Figura 3: Cartaz confeccionado pelas alunas do turno da tarde.
- Com educação com as meninas ter educação com os pais iguais as meninas.

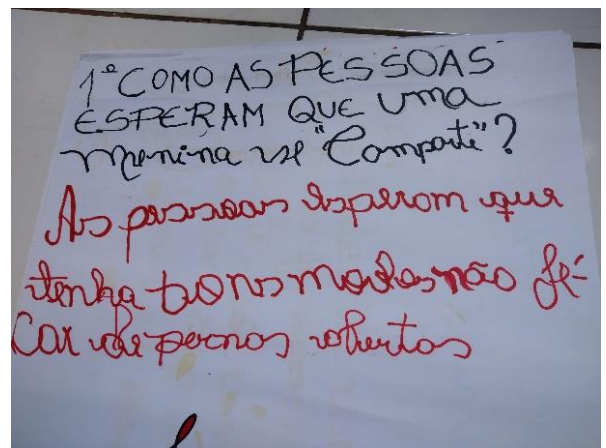


Figura 4: Cartaz confeccionado pelas alunas do turno da tarde.
- As pessoas esperam que tenham bons modos não ficar de pernas abertas.

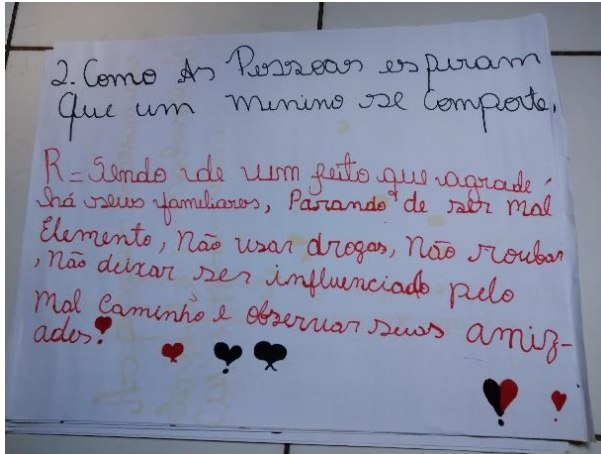


Figura 5: Cartaz confeccionado pelas alunas do turno da tarde.

- Sendo de um jeito que agrada seus familiares, parando de ser mal elemento, não usar drogas, não roubar, não deixar ser influenciado pelo mal caminho e observar suas amizades.

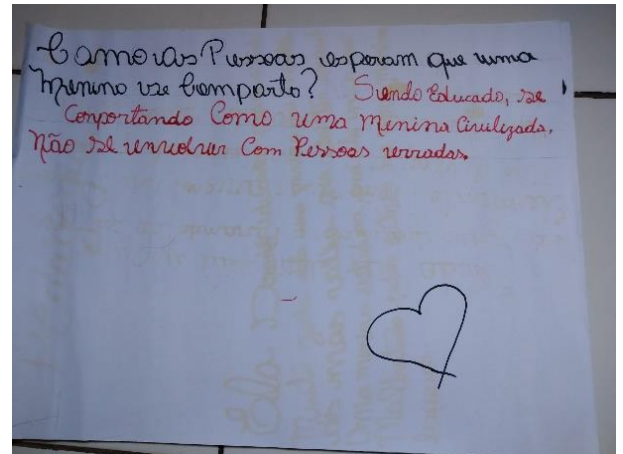


Figura 6: Cartaz confeccionado pelas alunas do turno da tarde.

- Sendo educado, se comportando como uma menina civilizada, não se envolver com pessoas erradas.

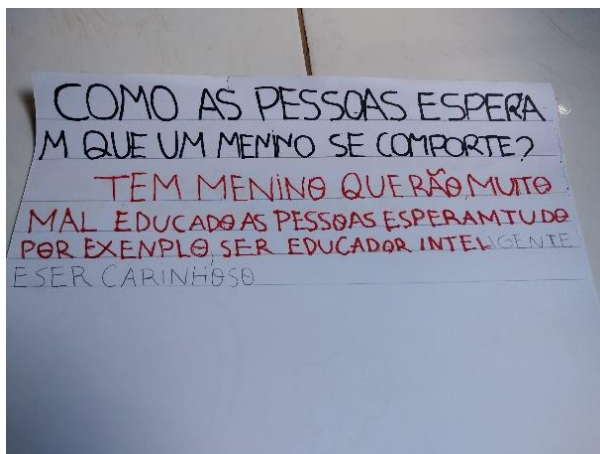


Figura 7: Cartaz confeccionado pelas alunas do turno da tarde.

- Tem menino que são muito mal-educado, as pessoas esperam tudo por exemplo ser educador inteligente e ser carinhoso.

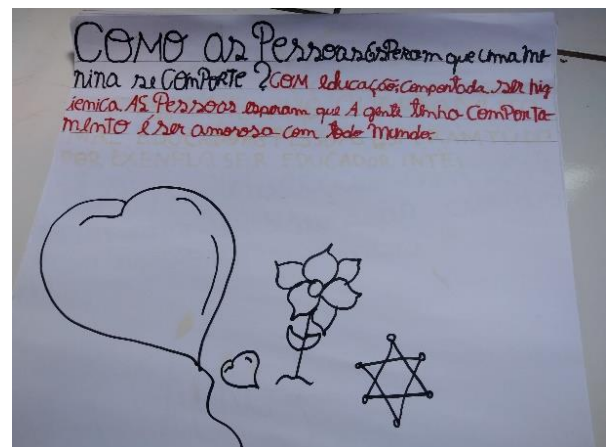


Figura 8: Cartaz confeccionado pelas alunas do turno da tarde.

- Com educação, comportada ser higiênica. As pessoas esperam que a gente tenha comportamento é ser amoroso com todo mundo.

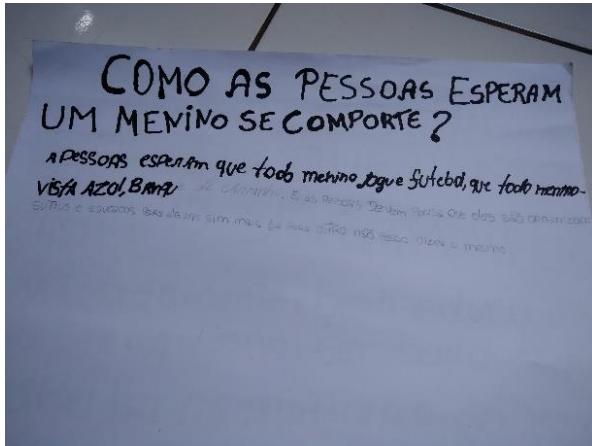


Figura 9: Cartaz confeccionado pelas alunas do turno da manhã.

- A pessoas esperam que todo menino jogue futebol, que todo menino vista azul, brinque de carrinho. E as pessoas devem pensar que eles são organizado e educados alguns sim mais já outros não posso dizer o mesmo.

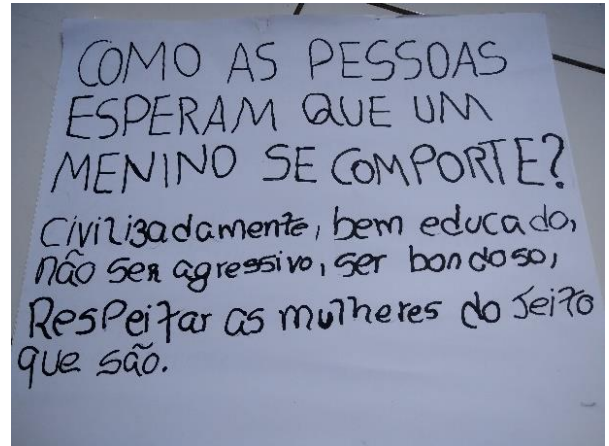


Figura 10: Cartaz confeccionado pelas alunas do turno da manhã.

- Civilizadamente, bem-educado, não ser agressivo, ser bondoso, respeitar as mulheres do jeito que são.

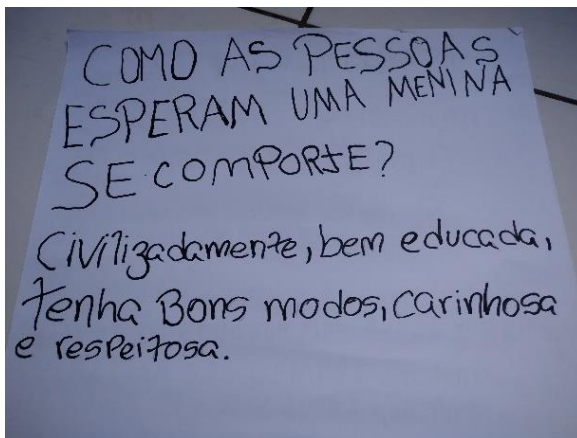


Figura 11: Cartaz confeccionado pelas alunas do turno da manhã.

- Civilizadamente, bem-educada, tenha bons modos, carinhosa e respeitosa.

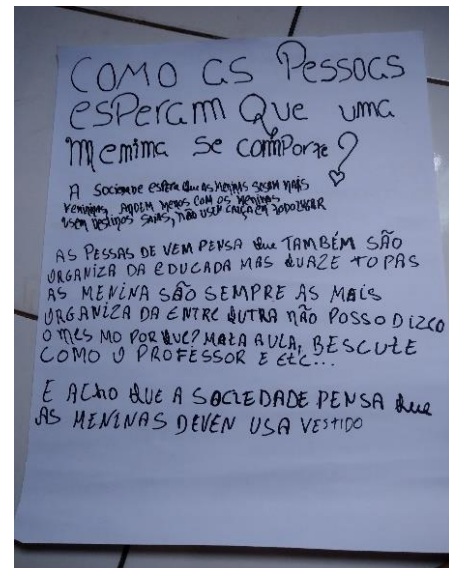


Figura 12: Cartaz confeccionado pelas alunas do turno da manhã.

- A sociedade espera que as meninas sejam mais menininhas, andem menos com os meninos, usem vestidos saias, não usem calça em todo lugar.

As pessoas devem pensar que também são organizadas,

As meninas são sempre as mais organizadas entre outra não posso dizer o mesmo porque mata aula, e etc...

E acho que a sociedade pensa que as meninas devem usar vestido.

Finalizada a dinâmica, as alunas tiveram que ler em voz alta para todas as participantes o que tinham escrito em ambas as cartolinas. Após essa apresentação, foi aberto uma roda de conversa sobre desigualdade de gênero, as discentes foram bem participativas, com falas bem-posicionadas e com um bom entendimento do tema, demonstrando uma certa indignação quanto a realidade em que viviam, por serem meninas e terem obrigações diferentes dos meninos, e pelos estereótipos que as circulavam, devido não estarem nos padrões que eram obrigadas a se encaixar tanto na escola quanto em outros espaços que conviviam.

Quanto as falas das alunas, muitas relataram que sofrem preconceito por não performar feminilidade. Verbalmente são chamadas de “mulher macho”, “macho fêmea” e “machão”, por gostarem de se divertir com brincadeiras ditas masculinas e por não gostarem de atividades impostas, que são ditas como femininas.

Nesse mesmo dia, já no período da tarde, realizamos a mesma oficina com as alunas do 6º ano C e D, num total de 16 meninas, entre 11 e 13 anos. Foi novamente aplicada a dinâmica “o que esperar?”, com as mesmas perguntas que as alunas do período da manhã, devido a experiência com as alunas do turno da manhã, chegamos à conclusão que somente dois grupos, muitas meninas ficavam dispersas na oficina, então, dessa vez, dividimos em quatro grupos, com quatro meninas em cada.

Nas falas das meninas da tarde, muitas delas afirmaram que as pessoas esperam que uma menina seja educada e quieta, afirmando o que já foi mencionado nesse trabalho sobre como uma garota deve comportar-se.

Nas repostas, pôde-se perceber que a maioria das alunas designaram comportamentos diferentes para meninos e meninas, demonstrando que há uma grande diferença entre ambos e que é esperado atitudes ditas masculinas para os meninos, e atitudes ditas femininas para as meninas.

A 2ª oficina deveria ter sido realizada no ano de 2020⁷, com as mesmas alunas, mas já com uma segunda dinâmica que verificaria qual a ideia/concepção que as alunas teriam sobre sexismo, desigualdade de gênero, se conheciam esses termos/conceitos, e como poderia afetá-las em suas vidas pessoais.

Devido à impossibilidade de dar continuidade às oficinas, deu-se por finalizada a participação das alunas, nos restando como dados somente a única oficina realizada e as cartolinas com as opiniões das discentes.

⁷ A Oficina ocorreu como já mencionado, em dezembro de 2019, no fim do período letivo, então foi necessário dar uma pausa devido ao período de férias, entretanto as oficinas planejadas para o ano letivo de 2020 não foram realizadas por conta da Pandemia.

4.5.2 Dados das entrevistas realizada pelo Google Forms com a equipe gestora

A coordenadora é formada em pedagogia, com especialização em gestão e orientação, atuando há 20 anos na educação básica. Já a orientadora é formada em pedagogia e atua há 24 anos na educação básica, ambas se disponibilizaram em responder o questionário, enriquecendo nossa pesquisa com suas contribuições significativas. Para a primeira unidade, Gênero, obtivemos as seguintes respostas:

É lidar com um universo de “sabores e (dis)sabores.”

Buscar sobreviver em um mundo ideias prontas, tentando enquadrá-las todas (mulheres) no mesmos ideias de realizações. (ORIENTADORA)

É ser sujeito em construção. É desafiar-se, lançar-se, quebrando paradigmas, fazendo escolhas em busca da felicidade e da realização. É ser um ser único. (COORDENADORA)

A escola como espaço de valorização de conhecimentos já adquiridos e construção de novos saberes. Tem a responsabilidade social de fomentar discussões que propicie a comunidade escolar a dê/construir ideias já formalizadas. Nessa ambiguidade, construir novos paradigmas que fortaleça valores, crenças e atitudes. (ORIENTADORA)

Trazendo debates para desmistificar o preconceito e a desigualdade em relação ao papel da mulher na sociedade. E intensificar a luta em favor dos seus direitos. (COORDENADORA)

Sim. As temáticas abordadas em sala de aula, ou nos espaços da escola, são apresentadas e discutidas de várias maneiras, leituras, documentários, produções e outros. (ORIENTADORA)

Desenvolve sim. Embora timidamente, pois ainda nos prendemos a um currículo pré-determinado. E a temática toma mais força em datas comemorativas como o dia Internacional da MULHER. (COORDENADORA)

Não! (ORIENTADORA)

Sim, quando ainda formamos filas de meninos e fila de meninas. Quando falo que homem não chora. Quando repreendo e digo a menina que a letra dela está feia igual de menino...Quando na prática de esporte separo meninas de meninos... (COORDENADORA)

Para dar seguimento às discussões, vamos para a segunda categoria, Desigualdade de Gênero,

Sim. Quando um gênero se sobrepõe ao outro. (ORIENTADORA)

Sim, culturalmente quando reforçamos poder de um gênero em detrimento ao outro. (COORDENADORA)

Depende do contexto, por exemplo, no espaço de trabalho uma agente de portaria pode sim exercer a função de um homem, mas pela organização dos espaços e pela vulnerabilidade social de uma mulher, durante a noite ela já teria várias dificuldades para trabalhar no período. Inclusive é uma discussão que está em debate em Marabá. Estamos falando em gênero em análise mais macro. Dessa forma, as questões de gênero dizem respeito as relações sociais e os papéis sociais. (ORIENTADORA)

Não. Devem ser tratados como ser humano que possuem direitos e deveres independente do gênero. (COORDENADORA)

E por fim a última unidade, Sexismo,

Acredito que a divisão de grupos, ainda é um processo cultural que requer formação dos pares, isto é, da comunidade escolar. (equipe docente, discente, pais, responsáveis e outros.) (ORIENTADORA)

A escola reproduz e fortalece a desigualdade. Mas precisamos desconstruir com sutileza trazendo para um debate e construindo com a comunidade um formato de atividades coletivas levando em consideração os sujeitos e não o gênero. (COORDENADORA)

Não! (ORIENTADORA)

Sim, esse termo me apropriei com a pesquisa in loco da estudante de Pedagogia a jovem Andressa, que nos fez refletir e problematizar o espaço escolar. Assim passei a compreender que trata da desigualdade de gênero. (COORDENADORA)

4.5.3 Dados das entrevistas realizada pelo Google Forms com a professora

A partir do recebimento do questionário de entrevistas enviado para a professora apresentamos a seguir os dados coletados. Usamos unidades de significados para ajudar nas análises das respostas. Sobre a unidade Gênero, foram obtidas as seguintes respostas:

É ter a sensatez que precisamos para nosso dia a dia, é poder ousar quando necessário e realizar seus sonhos com a sabedoria vinda de Deus. (PROFESSORA)

São meninas calmas e ensináveis, apesar de haver algumas exceções como aquelas que gostam de chamar atenção, gritando quando fala ou até desobedecendo as ordens. (PROFESSORA)

Sim, quando eu vou para uma sala de aula faço questão de ensinar como devemos nos portar em instituições, que nosso comportamento tem que ser modificado de acordo com o local que estamos, e na sala de aula não é diferente temos parâmetros a seguir. (PROFESSORA)

A segunda categoria elencada foi Desigualdade de Gênero,

Não, sempre deixo misto (PROFESSORA)

Sim, é uma forma de pesar mais importância a um dos gêneros, por exemplo não concordo no que a sociedade mostra mesmo que involuntariamente sobre a traição na vida conjugal. Pois o homem trai e não é tão questionado, porque é homem, mas quando é a mulher é julgada. (PROFESSORA)

Por fim, a unidade sexismo,

Não, até que eles são tranquilos quanto gênero. (PROFESSORA)

Sim, São ações discriminatórias no que diz respeito do gênero feminino. (PROFESSORA)

4.6 Análise dos dados

4.6.1 Análise da oficina

A oficina foi idealizada com o intuito de debater como a desigualdade de gênero e o sexismo estão presentes na escola. Juntamente com as alunas, iríamos identificar quais as ações que mais demonstrariam isso.

Almeida; Jaehn; Vasconcellos (2018) afirmam que devido a atual política de apagamento do estudo de gênero das escolas, é necessário que as instituições criem um espaço de diálogo, em defesa de uma educação para a igualdade de gênero, raça e classe social.

Abrindo um espaço de diálogo com as alunas, iríamos chegar em como o sexismo estaria presente na escola, se elas conseguiram reconhecer em algumas atitudes a reprodução da desigualdade de gênero e quais seriam as suas reações.

Durante a fala das alunas, na única oficina ministrada, foi perceptível a indignação de algumas delas sobre como determinadas ações geravam estigmas sobre suas orientações sexuais. Pois para a sociedade em que vivemos, as meninas devem aceitar a feminilidade, e viver de forma limitada (BEAUVOIR, 2016b).

A indignação das alunas é benéfica, para que elas busquem o porquê de a sociedade ser assim e lutarem para que a realidade mude, beneficiando a todos os gêneros, sem o conceito de superioridade e inferioridade.

Em meio ao conservadorismo, pauta de gênero sendo excluída dos documentos da educação, essa oficina levaria ao ambiente escolar o conhecimento que estão tentando desqualificar. As alunas reconheceriam as discriminações praticadas na escola e poderiam até lutar por mudanças.

Segundo Menezes (2013), é uma das funções da escola orientar para a desconstrução da desigualdade de gênero e do sexismo. Promover uma educação para a igualdade não é só benéfica para os alunos, mas para toda uma sociedade que provém desse modelo desigual, em que uns são considerados superiores e outros inferiores devido a uma característica que não foi escolhida.

A escola e outras instituições educacionais devem estar unidas para o combate da desinformação, do preconceito e da discriminação. Só assim a educação será promotora da igualdade e do bem comum.

4.6.2 Análise dos cartazes

Para obtermos respostas de como a sociedade cobra comportamentos de meninos e meninas, na visão das alunas, fizemos duas perguntas, “como as pessoas esperam que uma menina se comporte?” e “como as pessoas esperam que um menino se comporte?”, obtivemos respostas semelhantes umas com as outras e algumas diferentes.

Os dois grupos de alunas do turno da manhã, responderam de forma semelhante, ambos disseram que as pessoas esperam que uma menina seja comportada, educada, tenham bons modos, sejam organizadas e entre outras características.

Segundo Menezes (2013), as meninas são educadas para papéis de submissão, pois é isso que é esperado de uma boa mãe e esposa. A educação das meninas, apesar de ter evoluído para a escolaridade, ela ainda é voltada para que seja uma boa dona de casa, que cuida dos filhos e do marido, acreditando que essa é uma obrigação devido ter nascido mulher.

Nos grupos de alunas no período da tarde, as respostas também foram semelhantes entre si e com as dos grupos do período da manhã, a mesma ideia de passividade, educação e bom comportamento.

Nota-se que há um consenso entre as alunas, o que corrobora com as autoras e os autores, como Beauvoir (2016a, 2016b), Louro (2014), Saffioti (1987, 2004), Smigay (2002), Conceição; Santos (2017), Menezes (2013) e vários outros citados nesse trabalho.

É nítido que se espera de uma menina comportamentos que não condizem com sua faixa etária, a adultização precoce ocorre quando elas são mais cobradas do que os meninos, quando as brincadeiras se tornam inapropriadas, indicando que elas já são moças e devem se comportar como tal. O “treinamento” para ser uma boa mãe e esposa começa desde cedo.

Quanto a segunda questão, que é referente aos meninos, os grupos do turno da manhã, obtiveram uma pequena semelhança, um deles disse que deveriam ser civilizados, bem-

educado, não ser agressivo e outras características, o outro grupo disse que deveriam jogar futebol, que vestissem azul e que alguns são organizados e outros não.

Para os meninos não há a preocupação de que sejam bons pais e esposos, pois isso é uma preocupação somente voltada para as meninas. As alunas demonstraram uma ideia um pouco diferente do habitual, o que é bom, já que realmente uma boa educação e a não agressividade é importante para que não cresçam como homens grosseiros.

Os grupos do período da tarde, tiveram resultados semelhantes, um menino deveria ser educado, inteligente, carinhoso, respeitar os pais e familiares e outras características. Somente um dos grupos colocou que existem meninos mal-educados, mas logo após, colocaram boas características.

Então é isso, meninas esperam que os meninos sejam cobrados pelos mesmos comportamentos que elas. Educação e respeito não devem ser ensinados somente para o gênero feminino, pois é essencial que ambos se respeitem e sejam educados, independente de gênero.

Para romper com a desigualdade de gênero e o sexismo na escola, é necessário que a educação seja promotora da igualdade. E para isso, os professores e outros profissionais da escola, precisam em sua formação inicial, estudar sobre esses temas, debaterem entre si a melhor forma de amenizar os impactos causados por essas discriminações.

Somente com políticas educacionais que proporcionem esse debate é que fará diferença na formação dos educadores, pessoas informadas combatem melhor as opressões, promovem igualdade e o mais importante, se reconstróem como seres capazes de lutar e de reconstruir conhecimentos.

4.6.3 Análise da entrevista com a professora

Na fala da professora, o gênero feminino deve se comportar conforme é esperado, segundo Louro (2014), a construção das pessoas se dá por meios sutis e quase imperceptíveis, o que parece somente como uma recomendação de como se portar em alguns ambientes, pode na verdade estar dizendo que mulheres e meninas devem se comportar conforme é esperado para o seu gênero.

A passividade vista como algo natural e que toda mulher nasce com ela (BEAUVOIR, 2016b), na verdade é só uma forma de moldar o comportamento, transformá-la em um ser meigo para assim não poder lutar contra as formas de opressão.

Quando questionada sobre a divisão de grupo, a professora deixa claro que não separa por gêneros, os grupos possuem tanto meninas quanto meninos, o que para a

diminuição da desigualdade de gênero é essencial, pois assim demonstra que não há rivalidade e nem diferença entre ambos.

A professora afirma saber o que é desigualdade de gênero, e que não gosta de como ele desvaloriza um gênero em benefício de outro. Dando exemplos do julgamento que as mulheres sofrem quando agem da mesma forma que alguns homens.

Saffioti (2004), explica que as relações de poder causam esse fenômeno, da mulher ser mais julgada do que o homem pelas mesmas atitudes. Quando o poder não é partilhado entre os gêneros, gera um regime ditatorial, em que mulheres devem seguir à risca as regras ou serão duramente julgadas.

Quando questionada sobre a rivalidade entre alunos de gêneros diferentes, ela afirma que eles não possuem essa diferenciação entre meninos e meninas, que as atitudes sexistas podem ser nulas ou imperceptíveis.

Quanto a sexismo, a professora demonstra saber o significado, meio caminho andado para a diminuição ou erradicação desse tipo de discriminação dentro da escola.

Nota-se que a professora tem consciência da desigualdade de gênero e do sexismo, e a depender da situação, ela pode ou não reproduzir tais discriminações. Indicando que uma formação que contenha essas temáticas em seu currículo é de extrema importância para o fortalecimento de uma educação livre de desigualdades.

Professores informados são essenciais para o combate da desigualdade de gênero e do sexismo, por isso é necessária uma política que promova um sistema educacional igualitário, assim como previa a meta do PNE (2001).

4.6.4 Análise das entrevistas com as gestoras da escola

Para a unidade gênero, percebemos que a orientadora e a coordenadora da escola, concordam em alguns aspectos. No que se trata sobre o que é ser mulher, ambas respondem sobre como as mulheres buscam sobreviver, tendo que lidar com situações desagradáveis, para enfim chegar a uma realização pessoal.

Referente em como a escola pode contribuir com a construção do gênero, ambas também concordam que como é um lugar onde se constrói o conhecimento, ela é responsável por trazer debates, desmistificar algumas crenças e além de tudo, fortalecer a luta contra todo e qualquer tipo de preconceito, em busca de respeito e garantia de direitos.

Quanto a incluir temáticas de gênero no cotidiano escolar, as duas mencionam que a escola promove momentos de reflexões sobre a unidade gênero, mesmo que de forma tímida a escola não deixa de trabalhar, por exemplo, o dia internacional da mulher.

Esse dia comemorativo incluído como uma programação escolar, vai de acordo com o PCN (1997), que visa trabalhar gênero como tema transversal. Apesar de ser somente um dia comemorado uma vez por ano, ele traz a importância de se discutir e debater sobre a condição da mulher, sempre lembrando e dando o crédito aos movimentos que mudaram a realidade feminina.

Já quanto a reforçar papéis de gênero, a orientadora nega que exista essa possibilidade na escola, já a coordenadora, confirma que existe um reforço de papel de gênero, e dá exemplos de algumas falas que contribuam para isso.

Há discordância entre a resposta da coordenadora e da orientadora, o que é normal, já que são pessoas distintas e possuem visões diferentes. Uma pode ver que os papéis sociais são reforçados na escola, devido a ter acesso a estudos que indicam isso, e a outra não, por acreditar que tudo aquilo que acontece é normal e costumeiro.

Quando questionadas sobre saberem o que é desigualdade de gênero, ambas demonstram ter pleno conhecimento, o que facilita no combate a essa discriminação dentro da escola.

Quanto a tratamento diferente entre meninas e meninos, a orientadora dá exemplos que nem sempre mulheres conseguem exercer as mesmas profissões que os homens. Já a coordenadora, nega que deve haver tratamento diferente, e que todos devem ser tratados de forma igual, como ser humano.

A mulher ser vista como incapacitada de exercer algumas profissões, como a de guarda noturna, está relacionada com a ideia de que a mulher é um ser frágil e vulnerável, e que pessoas de má índole irão se aproveitar dessas características. Por isso o receio de se contratar mulheres para esse tipo de profissão.

Quando questionadas sobre a divisão de grupos somente de meninas e somente de meninos, a orientadora comenta que é algo cultural e que requer muito estudo e reflexão por parte daqueles que são envolvidos. Já a coordenadora, comenta que essa divisão reproduz a desigualdade e que também é necessário estudo, para construir atividades coletivas que independem do gênero.

Na pergunta sobre o que é sexismo, a orientadora admite não saber do que se trata, já a coordenadora, afirma que conhece o termo devido a essa pesquisa, que a levou refletir e compreender o tema.

Como o tema sexismo não é estudado na formação inicial, é de se compreender que uma boa parte dos profissionais da educação não conheçam sobre o tema, a coordenadora afirmou que só passou a conhecê-lo devido ao nosso projeto. É bom saber que o tema da nossa pesquisa levou informações valiosas para dentro da escola, e quem sabe assim a escola possa trabalhar mais cotidianamente sobre sexismo e desigualdade de gênero.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho, buscamos responder à questão problematizadora, que foi verificar como uma escola pública municipal reforça, por meio do sexismo, para a desigualdade de gênero. Chegando a algumas considerações satisfatórias, apesar dos impasses ocorridos com a Pandemia durante o ano de 2020 e sua continuidade nesse ano em curso.

No decorrer do nosso caminhar acadêmico, constatamos que esse assunto foi pouco debatido e aprofundado no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará e pelos eventos que participamos vimos que também é tímido esse debate no geral nos cursos de formação inicial de professores da educação básica.

Consideramos que a escola estudada provavelmente vem reforçando o sexismo e promovendo a desigualdade de gênero. Essa discriminação está arraigada de forma sutil, quase imperceptível, devido ser reproduzida somente com ações corriqueiras, vistas como comuns do no dia a dia da escola.

Como objetivo geral, analisamos como o sexismo está presente na escola, sob o olhar das alunas do 6º ano do ensino fundamental, que de acordo com a confecção dos cartazes e as falas na roda de conversa, confirmaram o que as autoras e autores citadas (os) neste trabalho afirmam que para as mulheres são cobradas características ditas femininas, como ser educada, comportada, ter bons modos, entre outras.

O que surpreendeu foi a resposta que deram para os meninos, houve quase um consenso de que para eles também são cobradas as mesmas características. O que contradiz com o conceito de masculinidade. Então fica o questionamento, será que as respostas das meninas é uma visão utópica sobre como elas queriam que os meninos fossem cobrados? Essa questão ficará em aberto, devido não termos tido a possibilidade de continuar com as oficinas⁸.

Como objetivo específico, analisamos as perspectivas das gestoras e de uma professora em relação a desigualdade de gênero gerada pelo sexismo. De acordo com as análises das respostas da professora entrevistada, ela demonstrou que sabe o significado dos termos, que se incomodava com o fato das mulheres serem julgadas quando possuíam atitudes iguais aos dos homens, mas que concordava com meninas terem que agir de acordo com o que era esperado.

Já nas respostas das gestoras, ambas sabem o que é desigualdade de gênero, mas somente a coordenadora sabia o conceito de sexismo, afirmando que se apropriou do tema

⁸ Como mencionado anteriormente, as oficinas não tiveram continuidade devido a pandemia, causada pelo vírus SARS-CoV-2 (corona vírus), causador do Covid-19.

devido a nossa pesquisa. E que na escola, trabalham o tema de forma tímida com as alunas e os alunos.

Isso ocorre devido o tema não ter regularidade no currículo escolar, pois na formação inicial dos professores e das professoras da educação básica, esses temas são pouco discutidos, e está cada dia mais difícil discuti-lo nas escolas de educação básica, porque há um movimento ultraconservador em curso que está impedindo que a temática avance, sugerindo a continuidade de pesquisas na área.

REFERÊNCIA

ALMEIDA, Sandra Maciel de; JAEHN, Lisete; VASCONCELLOS, Mônica. Precisamos falar de gênero: por uma educação democrática. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 13, n. esp.2, p. 1503–1517, 2018. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/11657>. Acesso em: 10 abr. 2021.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: fatos e mitos*, volume 1. 3 ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016a.

_____. *O segundo sexo: a experiência vivida*, volume 2. 3 ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016b.

BRASIL. Lei Nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, n. 7, p.1-81, 10 jan.2001.

BUZZI, Gabriela Cristine; ULIANA JÚNIOR, Laércio Cruz. O Estado como garantidor da emancipação feminina e da efetivação da dignidade da pessoa humana. *Tuiuti: Ciência e Cultura*, n. 55, p. 11-36, Curitiba, 2017. Disponível em: <https://seer.utp.br/index.php/h/article/view/767/639>. Acesso em: 07/04/2021.

CARDOSO, Lívia de Rezende, et al. Gênero em políticas públicas de educação e currículo: do direito às invenções. *Revista e-curriculum*, São Paulo, v.17, n.4, p. 1458-1479 out./dez. 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/curriculum/article/view/44651>. Acesso em: 12/04/2021.

CONCEIÇÃO, Ideojane Melo; SANTOS, Elis Souza dos. Gênero, educação e desigualdade: implicações de uma educação para igualdade. In: 10 Encontro Internacional de Formação de Professores, 11 Fórum Permanente Internacional de Inovação Educacional, p. 1-10. 2017. Disponível em: <https://eventos.set.edu.br/enfope/article/viewFile/5274/1790>. Acesso em: 23/02/2019.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Estatísticas de gênero: uma análise dos resultados do censo demográfico 2010*. IBGE, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv88941.pdf>. Acesso em: 08/04/2021.

_____. *Estatísticas de gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil*. IBGE, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101551_informativo.pdf. Acesso em: 08/04/2021.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 16 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MENEZES, Meiryelle Paixão. A discriminação de gênero na escola. Itabaiana, *GEPIADDE*, nº 07, Volume 13 | jan./jun. de 2013. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/forumidentidades/article/view/1710>. Acesso em: 14/03/2018.

MONTEIRO, Solange Aparecida de Souza; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Sexualidade e Gênero na atual BNCC: possibilidades e limites. *Pesquisa e Ensino*, Barreiras (BA), Brasil, v. 1, e202011, p. 1-24, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufob.edu.br/index.php/pqe/article/view/626>. Acesso em: 10/04/2021.

MOTA, Janine da Silva. Utilização do Google Forms na pesquisa acadêmica. *Revista Humanidades e Inovação* v.6, n.12 – 2019. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/1106>. Acesso em: 25/09/2020.

PORFÍRIO, Francisco. Desigualdade de gênero. *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/desigualdade-de-genero.htm>. Acesso em 05 de abril de 2021.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. *O poder do Macho*. São Paulo: Moderna, 1987.

_____. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SANTANA, Ediane Lopes de. As mulheres contra o patriarcado e as relações desiguais de gênero: aspectos teóricos e práticos no combate às opressões. In: ANDES-SN. *Universidade e Sociedade*. Brasília: Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior. Semestral, 2016 - Ano XXVI Nº 58. Disponível em: https://www.andes.org.br/img/midias/2c32d260df7b737c16011156d437316a_1548264664.pdf. Acesso em: 05/04/2021.


SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 23 ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Alaiane de Fátima dos Santos; SILVA, Daiana da; SANTOS, Iara Amora dos. *Por uma educação não sexista*. CAMTRA, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.abong.org.br/handle/11465/316>. Acesso em: 11/02/2019.

SILVA, Matheus Estevão Ferreira da; BRABO, Tânia Suely Antonelli Marcelino; SHIMIZU, Alessandra de Moraes. Avanços e retrocessos nas políticas públicas educacionais contemporâneas: censuras e supressões referentes a gênero e sexualidades em documentos oficiais de educação (1997-2015). *Revista Educação em Debate*, Fortaleza (CE), ano 41, n.80, p. 93-110, set./dez. 2019. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/50189>. Acesso em: 09/04/2021.

SMIGAY, Karin Ellen von. Sexismo, homofobia e outras expressões correlatas de violência: desafios para a psicologia política. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 8, n. 11, p. 32-46, jun. 2002. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/136>. Acesso em: 21/02/2019.

APÊNDICE A – Carta de apresentação para a diretora


SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

Marabá, 26 de Abril de 2021

Carta de Apresentação

À: Diretora da EMEF Salomé Carvalho – Claudenice Batista Lopes

DA: Prof.ª Msc. Vanja Elizabeth Sousa Costa (Faculdade de Educação da UNIFESSPA)
Orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso – TCC

Prezada,

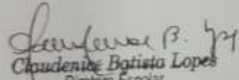
Ao cumprimentar vossa senhoria informamos que a aluna Andressa da Silva Ribeiro, do Curso de Pedagogia, da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, gostaria de realizar entrevistas nesta unidade de ensino, via plataformas de e-mails e outras ferramentas que se fizerem necessárias para manutenção do distanciamento social, (considerando a emergência na saúde pública do nosso país e do mundo por conta da Pandemia do Coronavírus) e de acordo com a **Resolução 500 de 12 de agosto de 2020 CONSEP/UNIFESSPA** que autoriza a oferta de atividades acadêmicas nos cursos de graduação a serem desenvolvidas de forma remota exclusivamente durante o Período Letivo Emergencial (PLE/2020), mais precisamente deseja entrevistar vossa senhoria, a coordenadora pedagógica Cristina Luiza Vital e mais duas professoras.

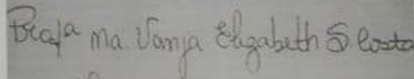
Informamos ainda que essa pesquisa trata sobre: **desigualdade de gênero: o sexismo no ambiente escolar**. Assim os questionários de entrevistas serão enviados aos seus respectivos e-mails e os dados levantados farão parte do trabalho de conclusão de curso-TCC da referida aluna. Igualmente, nos comprometemos ao final, compartilhar os resultados e reflexões desse estudo com a comunidade escolar.

Antecipadamente agradecemos a colaboração, pois apreciamos o trabalho que está distinta instituição vem prestando a sociedade marabaense e região.

Certas de vosso apreço, agradecemos nos colocando à disposição.


Atenciosamente,


Claudenice Batista Lopes
Diretora Escolar
E.M.E.F. Prof. Salomé Carvalho
Port. 098/2016-GP


Vanja Elizabeth Sousa Costa
Orientadora do TCC

26/04/2021

APÊNDICE B – Termo de consentimento apresentado para as gestoras

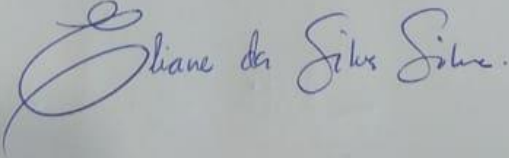

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA


TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em participar, como voluntária do estudo intitulado: desigualdade de gênero: o sexismo no ambiente escolar, o qual busca analisar como o sexismo está presente no ambiente escolar, bem como compreender a desigualdade de gênero gerada por essa discriminação e tem como discente-pesquisadora a aluna de graduação Andressa da Silva Ribeiro, do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Minha participação consistirá em conceder uma entrevista através do preenchimento de um questionário. Tenho ciência de que o estudo tem em vista a construção de uma monografia (Trabalho de Conclusão de Curso, a qual tem como orientadora, a professora Msc. Vanja Elizabeth Sousa Costa), e se constitui na avaliação final do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica e que os dados obtidos serão divulgados mediante preservação do anonimato dos participantes, assegurando assim minha privacidade. A discente-pesquisadora providenciará uma cópia do trabalho final caso seja do meu interesse ou da instituição.

Marabá-PA, 26 de abril de 2021.

Assinatura




SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em participar, como voluntária do estudo intitulado: desigualdade de gênero: o sexismo no ambiente escolar, o qual busca analisar como o sexismo está presente no ambiente escolar, bem como compreender a desigualdade de gênero gerada por essa discriminação e tem como discente-pesquisadora a aluna de graduação Andressa da Silva Ribeiro, do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Minha participação consistirá em conceder uma entrevista através do preenchimento de um questionário. Tenho ciência de que o estudo tem em vista a construção de uma monografia (Trabalho de Conclusão de Curso, a qual tem como orientadora, a professora Msc. Vanja Elizabeth Sousa Costa), e se constitui na avaliação final do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica e que os dados obtidos serão divulgados mediante preservação do anonimato dos participantes, assegurando assim minha privacidade. A discente-pesquisadora providenciará uma cópia do trabalho final caso seja do meu interesse ou da instituição.

Marabá-PA, 26 de abril de 2021.

Assinatura

Cristina Luiza Vital

APÊNDICE C – Termo de consentimento apresentado para a professora

**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em participar, como voluntária do estudo intitulado: desigualdade de gênero: o sexismo no ambiente escolar, o qual busca analisar como o sexismo está presente no ambiente escolar, bem como compreender a desigualdade de gênero gerada por essa discriminação e tem como discente-pesquisadora a aluna de graduação Andressa da Silva Ribeiro, do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Minha participação consistirá em conceder uma entrevista através do preenchimento de um questionário. Tenho ciência de que o estudo tem em vista a construção de uma monografia (Trabalho de Conclusão de Curso, a qual tem como orientadora, a professora Msc. Vanja Elizabeth Sousa Costa), e se constitui na avaliação final do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica e que os dados obtidos serão divulgados mediante preservação do anonimato dos participantes, assegurando assim minha privacidade. A discente-pesquisadora providenciará uma cópia do trabalho final caso seja do meu interesse ou da instituição.

Marabá-PA, 26 de abril de 2021.

Káren Katherine Araújo Ferreira
Assinatura

APÊNDICE D – Primeira oficina apresentada na escola

UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ – UNIFESSPA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – ICH
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – FACED
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

ANDRESSA DA SILVA RIBEIRO

DESIGUALDADE DE GÊNERO: O SEXISMO NO AMBIENTE ESCOLAR

ORIENTADORA: VANJA ELIZABETH SOUSA COSTA

OFICINA COM AS ALUNAS DO 5º ANO

Recebido em:
14/11/2019
Marabá -

MARABÁ - PARÁ

2019

1. INTRODUÇÃO

A presente oficina é fruto da disciplina de TCC II, que faz parte da grade curricular do curso de pedagogia, da Faculdade de Ciências da Educação - FACED, e é requisito obrigatório para a obtenção do diploma de graduação. Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é orientado pela professora Msc. Vanja Elizabeth Sousa Costa.

A desigualdade de gênero criada por preconceitos, discriminações e estereótipos, também está presente no espaço escolar, é possível verificar que nas escolas, os alunos são tratados de acordo com o gênero, pois tem-se sobre cada aluno (de acordo com o gênero), expectativas quanto ao seu futuro e suas atitudes, e que eles (os alunos) se desviarem disso, poderão ser duramente julgados e estigmatizados.

Observando que as escolas diferenciam seus alunos por gênero, vê-se necessário uma reflexão sobre o porquê e quais os conceitos que se utilizam para essa diferenciação. Já que ao classificar as crianças por gênero, perpetua a ideia de que elas são desiguais, criando assim uma expectativa diferente para ambos. Essa prática de discriminação é conhecida como sexismo, onde o gênero feminino é o principal alvo, que sofre com as regras impostas, com a rivalidade intragênero (criada pelo modelo de sociedade patriarcal), e a violência (SMIGAY, 2002).

As crianças já são educadas com os pré-conceitos instituídos pela família, onde eles podem ser discriminatórios ou não, mas quando se trata de educação sexista, a escola pode perpetuar quando não orientam ou até mesmo reproduzem esses atos. Quando se separa as crianças em filas de meninos e filas de meninas, não permitir que o menino brinque com brinquedos ditos “femininos”, ou as meninas com brinquedos ditos “masculinos”, há o ato de sexismo, já que reforça a diferenciação entre os gêneros.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Ao falar sobre gênero, por falta de conhecimento, ele é confundido com sexo biológico, “mulheres e homens nascem com diferenças biológicas, físicas e anatômicas, que determinam o sexo; essas diferenças restringem-se basicamente aos órgãos genitais, aparelhos reprodutivos e à função que cada uma(um) tem na reprodução humana.” (SILVA, SILVA; SANTOS, 2009, p. 8). Mas o gênero é uma construção sociocultural, que vai além do sexo biológico, e que pode ser mutável, ou seja, passível de transformações.

Ao classificar as crianças por seu sexo biológico, já desde a descoberta, cria-se expectativas do que cada um vai ser e de como irão se comportar, meninas usarão roupas na cor rosa, serão meigas e comportadas, assim como uma “princesa” deve ser, já os meninos usarão roupas na cor azul, serão travessos e badermeiros, assim como um “macho” deve ser.

A desigualdade de gênero surge a partir daí, já que “o fenótipo sexual, constituindo uma base de diferenciação biológica entre homens e mulheres, serviu simultaneamente durante séculos como justificação ideológica de desigualdades sexuais” (SILVA, 2008, p. 6). Ambos devem ser desiguais, onde a mulher claramente é inferiorizada em relação ao homem, ao não poderem ocupar as mesmas funções, ao receberem salários menores, mesmo sendo o mesmo cargo, e ao não poderem ter domínio sobre o próprio corpo.

O Sexismo é uma forma de discriminação de gênero, principalmente o feminino, segundo Smigay (2002, p. 34),

Sexismo é atitude de discriminação em relação às mulheres. Mas é importante lembrar que se trata de uma posição, que pode ser perpetrada tanto por homens quanto por mulheres; portanto, o sexismo está presente intragêneros tanto quanto entre gêneros. Inscrita numa cultura falocrática, impregna o imaginário social e o prepara a um vasto conjunto de representações socialmente partilhadas, de opiniões e de tendência a práticas que desprezam, desqualificam, desautorizam e violentam as mulheres, tomadas como seres de menor prestígio social.

As práticas sexistas estão no cotidiano das pessoas em geral, já que nesse modelo de sociedade patriarcal, é comum vermos discriminação de gênero, principalmente com relação às mulheres, que são subjugadas, desvalorizadas e inferiorizadas em relação e pelo homem. Mas não somente os homens discriminam a mulher, as próprias mulheres discriminam ao próprio gênero, isso devido a essa cultura machista, onde são colocadas em constante duelo contra si mesmas, reproduzindo falas que diminuem e ofendem a imagem da mulher.

Observando que as escolas diferenciam seus alunos por gênero, vê-se necessário uma reflexão sobre o porquê e quais os conceitos que se utilizam para essa diferenciação. Já que ao classificar as crianças por gênero, perpetua a ideia de que elas são desiguais, criando assim uma expectativa diferente para ambos. Sendo que para uma boa educação/ escolarização, o gênero não interfere em sua qualidade, mas ao diferenciá-los, cria a concepção de que mulher e homem ocupam espaços e têm direitos e deveres diferentes, “assim a escola se constrói sexista e discriminatória com métodos que refletem esta maneira de pensar”. (SILVA; SILVA; SANTOS, 2009, p. 5)

Ao criar um ambiente sexista, fica exposto que cada gênero tem seu posto, tem as suas obrigações, demonstrando que existe sim a hierarquia entre homem e mulher, uma relação de poder, onde o homem é superior a mulher, e que ela deve ser submissa.

A escola pode, inconscientemente, alimentar a cultura do sexismo, onde a menina tem sempre que se comportar como uma “moça”, através de discursos como, “você já é uma moça, se comporte como tal”, “não pode se sentar assim, pois não é modos de uma moça” frase essas que “colocam as meninas em posições pré-determinadas, moldando os comportamentos e aprisionamento da sexualidade conforme chama atenção para o que uma mulher pode/não pode fazer e ser”. (MEDEIROS; RODRIGUES, 2016, p. 7)

Após todo esse exposto, surge o papel da escola, que seria o de orientar e construir conhecimentos sobre desigualdade de gênero e sexismo, Menezes (2013, p. 144), explica que

é função da escola desconstruir preconceitos relacionados à naturalização da dominação masculina na sociedade, de forma a contribuir para a diminuição do preconceito contra a mulher, tanto no ambiente escolar como fora dele. A esse respeito, o movimento feminista teve um importante papel na conscientização das mulheres que viviam imersas na submissão ao homem.

Existe muita resistência por parte das escolas em falar sobre gênero (pode ser por causa de religião, conservadorismo e até mesmo falta de informação), pois acredita-se que falar sobre gênero, sexualidade e diversidade, é “ensinar a criança a fazer sexo”, mas na verdade é apenas informar e orientar as crianças sobre tais temáticas. Segundo Nascimento; Nascimento; Pereira (2017, p. 28)

A questão sobre o tema “gênero” na escola está atualmente envolvida em muita polêmica e discussão, pois alguns grupos políticos aliados a instituições religiosas estão desvirtuando a intencionalidade da temática com a finalidade de impedir que as crianças e jovens tenham acesso a ela nas escolas. [...] Cabe ressaltar que falar de gênero é falar da relação entre homens e mulheres, logo, é praticamente impossível não abordá-lo com os alunos, além do mais, essa tentativa de proibição só serve aos grupos conservadores que não estão preocupados com as consequências de tal impedimento.

Devido a desinformação, e a não procura pelo conhecimento, a escola perpetua discursos sexistas, criando assim a desigualdade de gênero dentro da escola, gerando hierarquias, fortalecendo o patriarcado e contribuindo para que haja a violência contra a mulher.

Por isso a importância de tais temáticas no currículo escolar, estando ali para informar, desconstruir e construir conceitos, derrubando a discriminação e a violência. E empoderando as alunas, para que elas se aceitem, e não criem rivalidade com o próprio gênero, não permitindo que o modelo patriarcal de sociedade se sobressaia a tudo e a todos.

3. OBJETIVOS

3.1. OBJETIVO GERAL

Apresentar como o sexismo está presente no ambiente escolar, bem como compreender a desigualdade de gênero gerada por essa discriminação.

4. METODOLOGIA

Para alcançar os objetivos propostos, será feita inicialmente uma fala introdutória do tema abordado, para que as alunas possam ter uma melhor compreensão do que seria o sexismo, e como através dele, é gerada a desigualdade de gênero na escola.

Para isso, utilizaremos conceitos chave do tema, bem como daremos exemplos significativos do sexismo e a forma como ele é utilizado para gerar desigualdade de gênero, dando uma ampla visão do tema.

Será apresentado um vídeo onde é explicado o que é sexismo e alguns exemplos de práticas sexistas, para que as alunas tenham uma melhor compreensão do tema e para que possam responder, com mais facilidade, o questionário que será aplicado após a oficina.

Posteriormente, será aplicado um questionário, contendo 12 questões, divididas em três unidades de significados, para que possamos analisar o que as alunas compreenderam do tema, e como elas conseguiram identificar o sexismo na escola.

5. REFERÊNCIAS

MEDEIROS, Tâmara Duarte de; RODRIGUES, Hermano de França. Discursos sexistas na escola: feminismo e estudos de gênero. **III CONEDU – Congresso Nacional de Educação**, Natal – Rio Grande do Norte, 2016.

SILVA, Alaiane de Fátima dos Santos; SILVA, Daiana da; SANTOS, Iara Amora dos. **Por uma educação não sexista**. CAMTRA, Rio de Janeiro, 2009.

SMIGAY, Karin Ellen von. Sexismo, homofobia e outras expressões correlatas de violência: desafios para a psicologia política. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 8, n. 11, p. 32-46, jun. 2002.

APÊNDICE E – Oficina apresentada na escola com as correções solicitadas

UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ – UNIFESSPA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – ICH
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – FACED
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

ANDRESSA DA SILVA RIBEIRO

DESIGUALDADE DE GÊNERO: O SEXISMO NO AMBIENTE ESCOLAR

ORIENTADORA: VANJA ELIZABETH SOUSA COSTA

OFICINA COM AS ALUNAS DO 5º E 6º ANO

Recebi em:
18/11/2019
EB.
mAmadeu.

MARABÁ - PARÁ

2019

1. INTRODUÇÃO

A presente oficina é fruto da disciplina de TCC II, que faz parte da grade curricular do curso de pedagogia, da Faculdade de Ciências da Educação - FACED, e é requisito obrigatório para a obtenção do diploma de graduação. Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é orientado pela professora Msc. Vanja Elizabeth Sousa Costa.

A desigualdade de gênero criada por preconceitos, discriminações e estereótipos, também está presente no espaço escolar, é possível verificar que nas escolas, os alunos são tratados de acordo com o gênero, pois tem-se sobre cada aluno (de acordo com o gênero), expectativas quanto ao seu futuro e suas atitudes, e que eles (os alunos) se desviarem disso, poderão ser duramente julgados e estigmatizados.

Observando que as escolas diferenciam seus alunos por gênero, vê-se necessário uma reflexão sobre o porquê e quais os conceitos que se utilizam para essa diferenciação. Já que ao classificar as crianças por gênero, perpetua a ideia de que elas são desiguais, criando assim uma expectativa diferente para ambos. Essa prática de discriminação é conhecida como sexismo, onde o gênero feminino é o principal alvo, que sofre com as regras impostas, com a rivalidade intragênero (criada pelo modelo de sociedade patriarcal), e a violência (SMIGAY, 2002).

As crianças já são educadas com os pré-conceitos instituídos pela família, onde eles podem ser discriminatórios ou não, mas quando se trata de educação sexista, a escola pode perpetuar quando não orientam ou até mesmo reproduzem esses atos. Quando se separa as crianças em filas de meninos e filas de meninas, não permitir que o menino brinque com brinquedos ditos "femininos", ou as meninas com brinquedos ditos "masculinos", há o ato de sexismo, já que reforça a diferenciação entre os gêneros.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Ao falar sobre gênero, por falta de conhecimento, ele é confundido com sexo biológico, "mulheres e homens nascem com diferenças biológicas, físicas e anatômicas, que determinam o sexo; essas diferenças restringem-se basicamente aos órgãos genitais, aparelhos reprodutivos e à função que cada uma(um) tem na reprodução humana." (SILVA; SILVA; SANTOS, 2009, p. 8). Mas o gênero é uma construção sociocultural, que vai além do sexo biológico, e que pode ser mutável, ou seja, passível de transformações.

Ao classificar as crianças por seu sexo biológico, já desde a descoberta, cria-se expectativas do que cada um vai ser e de como irão se comportar, meninas usarão roupas na cor rosa, serão meigas e comportadas, assim como uma "princesa" deve ser, já os meninos usarão roupas na cor azul, serão travessos e baderneiros, assim como um "macho" deve ser.

A desigualdade de gênero surge a partir daí, já que "o fenótipo sexual, constituindo uma base de diferenciação biológica entre homens e mulheres, serviu simultaneamente durante séculos como justificativa ideológica de desigualdades sexuais" (SILVA, 2008, p. 6). Ambos devem ser desiguais, onde a mulher claramente é inferiorizada em relação ao homem, ao não poderem ocupar as mesmas funções, ao receberem salários menores, mesmo sendo o mesmo cargo, e ao não poderem ter domínio sobre o próprio corpo.

O Sexismo é uma forma de discriminação de gênero, principalmente o feminino, segundo Smigay (2002, p. 34),

Sexismo é atitude de discriminação em relação às mulheres. Mas é importante lembrar que se trata de uma posição, que pode ser perpetrada tanto por homens quanto por mulheres; portanto, o sexismo está presente intragêneros tanto quanto entre gêneros. Inscrita numa cultura falocrática, impregna o imaginário social e o prepara a um vasto conjunto de representações socialmente partilhadas, de opiniões e de tendências a práticas que desprezam, desqualificam, desautorizam e violentam as mulheres, tomadas como seres de menor prestígio social.

As práticas sexistas estão no cotidiano das pessoas em geral, já que nesse modelo de sociedade patriarcal, é comum vermos discriminação de gênero, principalmente com relação às mulheres, que são subjugadas, desvalorizadas e inferiorizadas em relação e pelo homem. Mas não somente os homens discriminam a mulher, as próprias mulheres discriminam ao próprio gênero, isso devido a essa cultura machista, onde são colocadas em constante duelo contra si mesmas, reproduzindo falas que diminuem e ofendem a imagem da mulher.

Observando que as escolas diferenciam seus alunos por gênero, vê-se necessário uma reflexão sobre o porquê e quais os conceitos que se utilizam para essa diferenciação. Já que ao classificar as crianças por gênero, perpetua a ideia de que elas são desiguais, criando assim uma expectativa diferente para ambos. Sendo que para uma boa educação/escolarização, o gênero não interfere em sua qualidade, mas ao diferenciá-los, cria a concepção de que mulher e homem ocupam espaços e têm direitos e deveres diferentes, "assim a escola se constrói sexista e discriminatória com métodos que refletem esta maneira de pensar". (SILVA; SILVA; SANTOS, 2009, p. 5)

Ao criar um ambiente sexista, fica exposto que cada gênero tem seu posto, tem as suas obrigações, demonstrando que existe sim a hierarquia entre homem e mulher, uma relação de poder, onde o homem é superior a mulher, e que ela deve ser submissa.

A escola pode, inconscientemente, alimentar a cultura do sexismo, onde a menina tem sempre que se comportar como uma “moça”, através de discursos como, “você já é uma moça, se comporte como tal”, “não pode se sentar assim, pois não é modos de uma moça” frase essas que “colocam as meninas em posições pré-determinadas, moldando os comportamentos e aprisionamento da sexualidade conforme chama atenção para o que uma mulher pode/não pode fazer e ser”. (MEDEIROS; RODRIGUES, 2016, p. 7)

Após todo esse exposto, surge o papel da escola, que seria o de orientar e construir conhecimentos sobre desigualdade de gênero e sexismo. Menezes (2013, p. 144), explica que

é função da escola desconstruir preconceitos relacionados à naturalização da dominação masculina na sociedade, de forma a contribuir para a diminuição do preconceito contra a mulher, tanto no ambiente escolar como fora dele. A esse respeito, o movimento feminista teve um importante papel na conscientização das mulheres que viviam imersas na submissão ao homem.

Existe muita resistência por parte das escolas em falar sobre gênero (pode ser por causa de religião, conservadorismo e até mesmo falta de informação), pois acredita-se que falar sobre gênero, sexualidade e diversidade, é “ensinar a criança a fazer sexo”, mas na verdade é apenas informar e orientar as crianças sobre tais temáticas. Segundo Nascimento; Nascimento; Pereira (2017, p. 28)

A questão sobre o tema “gênero” na escola está atualmente envolvida em muita polêmica e discussão, pois alguns grupos políticos aliados a instituições religiosas estão desvirtuando a intencionalidade da temática com a finalidade de impedir que as crianças e jovens tenham acesso a ela nas escolas. [...] Cabe ressaltar que falar de gênero é falar da relação entre homens e mulheres, logo, é praticamente impossível não abordá-lo com os alunos, além do mais, essa tentativa de proibição só serve aos grupos conservadores que não estão preocupados com as consequências de tal impedimento.

Devido a desinformação, e a não procura pelo conhecimento, a escola perpetua discursos sexistas, criando assim a desigualdade de gênero dentro da escola, gerando hierarquias, fortalecendo o patriarcado e contribuindo para que haja a violência contra a mulher.

Por isso a importância de tais temáticas no currículo escolar, estando ali para informar, desconstruir e construir conceitos, derrubando a discriminação e a violência. E empoderando as alunas, para que elas se aceitem, e não criem rivalidade com o próprio gênero, não permitindo que o modelo patriarcal de sociedade se sobressaia a tudo e a todos.

3. OBJETIVOS

3.1. OBJETIVO GERAL

Apresentar como o sexismo está presente no ambiente escolar, bem como compreender a desigualdade de gênero gerada por essa discriminação.

4. METODOLOGIA

4.1. METODOLOGIA PARA O 5º ANO

Será realizado uma roda de conversa com as alunas do 5º ano, dando breves explicações sobre o tema, instigando-as a falar se existe alguma relação do tema com o dia a dia delas, tanto na escola quanto fora dela.

Em seguida, será apresentado um vídeo onde é explicado o tema e alguns exemplos práticos, para que possa facilitar a identificação da desigualdade de gênero e do sexismo na escola.

Por fim, será pedido para que as crianças façam uma avaliação da roda de conversa, e se de alguma forma ajudou a entender um pouco sobre o assunto,

4.2. METODOLOGIA PARA O 6º ANO

Para alcançar os objetivos propostos, será feita inicialmente uma fala introdutória do tema abordado, para que as alunas possam ter uma melhor compreensão do que seria o sexismo, e como através dele, é gerada a desigualdade de gênero na escola.

Para isso, utilizaremos conceitos chave do tema, bem como daremos exemplos significativos do sexismo e a forma como ele é utilizado para gerar desigualdade de gênero, dando uma ampla visão do tema.

Será apresentado um vídeo onde é explicado o que é sexismo e alguns exemplos de práticas sexistas, para que as alunas tenham uma melhor compreensão do tema e para que possam responder, com mais facilidade, o questionário que será aplicado após a oficina.

Posteriormente será aplicado um questionário, contendo 12 questões, divididas em três unidades de significados, para que possamos analisar o que as alunas compreenderam do tema, e como elas conseguiram identificar o sexismo na escola.

5. REFERÊNCIAS

MEDEIROS, Tâmara Duarte de; RODRIGUES, Hermano de França. Discursos sexistas na escola: feminismo e estudos de gênero. **III CONEDU – Congresso Nacional de Educação**, Natal – Rio Grande do Norte, 2016.

SILVA, Alaiane de Fátima dos Santos; SILVA, Daiana da; SANTOS, Iara Amora dos. **Por uma educação não sexista**. CAMTRA, Rio de Janeiro, 2009.

SMIGAY, Karin Ellen von. Sexismo, homofobia e outras expressões correlatas de violência: desafios para a psicologia política. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 8, n. 11, p. 32-46, jun. 2002.

APÊNDICE F – Questionário que seria realizado com as alunas

1. O que é uma mulher para você?
2. Qual o papel da mulher na sociedade?
3. Homens e mulheres devem ter trabalhos diferentes?
4. A escola ajuda na construção dos papéis sociais da mulher?
5. O que você entendeu, a partir da oficina, sobre desigualdade de gênero?
6. Na escola, você consegue identificar alguma diferença de tratamento entre meninas e meninos?
7. Já tentaram te ofender pelo fato de ser do gênero feminino? Se sim, como?
8. Na escola, alguma vez te impediram de fazer alguma atividade porque é do gênero feminino?
9. O que você entendeu, a partir da oficina, sobre o que é o sexismo?
10. Em que ações da escola você diria que pode haver práticas sexistas?
11. Em relação a divisão de grupos entre meninas e meninos, comente sobre a rivalidade entre vocês, se ela existe ou não.
12. Na escola, como você se sente ao não permitirem que realize algo devido ser menina?

APÊNDICE G – Formulário realizado com a professora

- 1) Para você, o que é ser uma mulher?
- 2) Como você descreveria o comportamento das meninas em suas aulas?
- 3) Você concorda que deve existir um comportamento ideal para as meninas em sala de aula? Por quê?
- 4) Você divide ou já dividiu grupos somente de meninas e somente de meninos para a realização de atividades em grupo?
- 5) Você já ouviu falar sobre desigualdade de gênero? Se sim, como descreveria?
- 6) Você percebe algum tipo de rivalidade entre meninas e meninos?
- 7) Você sabe o que é sexismo? Se sim, como descreveria?

APÊNDICE H – Formulário realizado com as gestoras

- 1) Para você, o que é ser mulher?
- 2) Como a escola pode contribuir ou contribuiu na construção do papel da mulher na sociedade?
- 3) A escola inclui a temática gênero nos projetos? E como poderia ou pode ser trabalhado esse tema em sala de aula?
- 4) A escola reforça papéis de gênero? Em caso afirmativo, dê exemplos
- 5) Você já ouviu falar sobre desigualdade de gênero? Se sim, como descreveria?
- 6) Você acredita que meninas e meninos são ou devem ser tratados de forma diferente?
- 7) Como você julga a divisão de grupos somente de meninos e somente de meninas na maioria de competição das escolas?
- 8) Você sabe o que é sexismo? Em caso positivo, como descreveria?